

U F M G

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Letras

Pedro Perini-Santos

**ASPECTOS  
DA REFERÊNCIA NO  
PORTUGUÊS**

BELO HORIZONTE – 2000

Pedro Perini-Santos

**ASPECTOS DA  
REFERÊNCIA  
NO PORTUGUÊS**

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras:  
Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG  
como exigência parcial para a obtenção do título de  
Mestre em Letras: Linguística

*orientado por*

**Prof. Dr. Mário Alberto Perini  
e Profa. Dra. Yara Goulart Liberato**

Belo Horizonte - 2000.

*Esta dissertação é dedicada  
a meus pais e a meus irmãos, que eu amo muito.*

## **Defesa da Dissertação**

### **Banca Examinadora**

---

Profa. Dra. Yara Goulart Liberato (orientadora)

---

Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Décat

---

Profa. Dra. Maria Elisabeth Fonseca Saraiva

Belo Horizonte, 17 de março de 2000.

## **agradecimentos**

Ao Beto Perini e à Yara Liberato, meus orientadores,  
que me ensinaram a pensar linguística.

À Yara, minha mãe, e ao Tomaz, meu pai,  
com quem eu conto a cada  
e todo momento.

Ao Daniel e ao Ernesto,  
meus irmãos queridos,  
sempre.

À linguista e amiga  
Adriana Nascimento  
pelo sempre estímulo, comentários, sugestões  
e revisão atenta do texto final.

Aos meus amigos e amigas,  
que me são presentes.

Aos meus alunos,  
que me ajudaram,  
talvez sem saber.

*“What should you do if you are in a situation where there’s a strong wind and a lee shore, and your boat doesn’t have an auxiliary engine?”*  
*Reply: “Look, just stay out of situations where there’s a strong wind and a lee shore, and your boat doesn’t have an auxiliary engine.”*

JERRY A. FODOR

## índice

Agradecimentos	04
Sumário	06
Tabela com Abreviações	07
Resumo / Résumé	08
1. APRESENTAÇÃO	09
2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2.1. Definições	18
2.1.1. sobre a referência	18
2.1.2. o que é uma coisa?	20
2.1.3. testes	20
2.1.4. o que é qualificação	22
2.1.5. para esta dissertação o que é referência e qualificação	24
3. ASPETOS DA REFERÊNCIA: PROPOSTA DE NOVA TAXONOMIA	24
3.1. sobre a seleção dos itens estudados	26
3.2. sobre o aspecto nominal	27
3.3. discussão sobre os critérios	28
3.4. a solução semântica de Perini <i>et alii</i>	31
3.5. novo problema	36
3.6. proposta de análise para <i>belo, bom e alegre</i>	38
3.6.1. sobre a escolha das palavras	38
3.6.2. a função <R> de <i>belo, bom e alegre</i>	39
3.6.2.1. formas plenamente aceitáveis	41
3.6.2.2. formas inaceitáveis	44
3.6.2.3. formas restritamente aceitáveis	45
3.6.2.3.1. mudando o tipo de Det	45
3.6.2.3.2. mudando o número do SN	46
3.6.2.3.3. mudança no traço semântico	49
3.6.3. tabulação das variáveis	51
3.6.4. como ler a tabela 1	53
3.6.5. a taxonomia	56
3.6.6. como ler as tabelas 2 e 3: estabelecendo categorias	59
3.6.7. comentários conclusivos	60
3.7. notas sobre outros aspectos	61
3.7.1. nota sobre a presença dos PDets <i>ambos</i> e <i>todos</i>	61
3.7.2. nota sobre a variação no tempo verbal	63
4. SOBRE OS QUANTIFICADORES: COMO FUNCIONA A SUA REFERÊNCIA	65
4.1. por que estudar os quantificadores	66
4.2. o que são quantificadores?	66
4.3. o estabelecimento de grupos por critérios semânticos	68
4.3.1. os traços <CSP> e <NPQ>	68
4.3.2. os grupos estabelecidos pelos critérios <CSP> e <NPQ>	70
4.4. comentários adicionais sobre os grupos de quantificadores	70
4.5. descrição comparativa	74
4.6. nota sobre dois contra-exemplos: <i>casa</i> e <i>par</i>	75
4.7. como um estudo descritivista lida com contra-exemplos	77
4.8. testes e descrições	77
4.8.1. grupo 1	77
4.8.2. grupo 2	79
4.8.3. grupos 3 e 4	80
4.9. comentários conclusivos	81
5. CONCLUSÃO	83
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
6.1. livros e artigos citados	87
6.2. outros livros e artigos consultados	88
7. ANEXO: MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA	89
7.1. apresentação	90
7.2. Caixa de Palavras	91

## tabela com as abreviações

Abaixo se encontram as abreviações utilizadas no texto da dissertação. Muitas delas são de amplo conhecimento entre os linguistas. Há apenas algumas que foram criadas ou adaptadas de acordo com as necessidades do texto. Mesmo que sejam poucas, me parece útil ter uma tabela para consulta.

<R>	FUNÇÃO REFERENCIAL
<Q>	FUNÇÃO QUALIFICATIVA
<NE>	FUNÇÃO REFERENCIAL NÃO ESPECÍFICA
<G>	FUNÇÃO REFERENCIAL GENÉRICA
<Q>	FUNÇÃO DE QUANTIFICAÇÃO
“Q”	EXERCE FUNÇÃO DE QUANTIFICAÇÃO
“Q”	EXERCE FUNÇÃO QUALIFICATIVA
“G”	EXERCE FUNÇÃO REFERENCIAL GENÉRICA
“R”	EXERCE FUNÇÃO REFERENCIAL
<+R>	POTENCIALIDADE SEMÂNTICA DE REFERÊNCIA
<+Q>	POTENCIALIDADE SEMÂNTICA DE QUALIDADE
<+Qa>	TRAÇO SEMÂNTICO QUALIDADE ABSTRATA
<+G>	TRAÇO SEMÂNTICO DE VALOR GENÉRICO
<+NE>	TRAÇO SEMÂNTICO DE VALOR NÃO ESPECÍFICO
<+H>	TRAÇO SEMÂNTICO RELATIVO AO SER HUMANO
<+Pej>	TRAÇO SEMÂNTICO DE PEJORATIVIDADE
<+NNE>	TRAÇO SEMÂNTICO NUMÉRICO NÃO ESPECÍFICO
<CSP>	TRAÇO DE CARGA SEMÂNTICA PRÓPRIA
<NQP>	TRAÇO SEMÂNTICO DE QUANTIFICAÇÃO PRÓPRIA
SN	SINTAGMA NOMINAL
SP	SINTAGMA PREPOSICIONAL
SV	SINTAGMA VERBAL
F	GÊNERO FEMININO
M	GÊNERO MASCULINO
DetDef	DETERMINANTE DEFINIDO
DetInd	DETERMINANTE INDEFINIDO
Pl	PLURAL
Sing	SINGULAR
TL	TERMO LIVRE
Det	DETERMINANTE
PDet	PRÉ-DETERMINANTE
*	SENTENÇA INACEITÁVEL
(?)?	SENTENÇA DE (MUITO) DIFÍCIL ACEITABILIDADE
<i>o gato</i>	EXEMPLO DE SN FORA DOS EXEMPLOS NUMERADOS
“gato”	ENTIDADE DESIGNADA PELO SN

## **resumo**

Esta pesquisa se dedica à descrição da referência do SN no português. A análise dos aspectos mórficos e sintáticos se associam aos traços descritivos semânticos propostos em pesquisas anteriores. Estabelece-se, assim, um complexo de traços para descrever a ocorrência da referência no SN. A partir dessa descrição, foi possível propor uma nova taxonomia para os itens lexicais nominais do português. Foram estabelecidas sete categorias funcionais organizadas de acordo com aspectos semânticos e morfossintáticos. Em um segundo momento da pesquisa, seguindo metodologia semelhante, é analisado e descrito o funcionamento semântico dos quantificadores. Ao final, propõem-se exercícios de aplicação para a escola de ensino fundamental.

## **résumé**

Cette recherche se dédie à la description de la référence du SN dans le Portuguais. L'analyse des aspects morpho-syntatiques se lie aux traits sémantiques proposés dans des recherches antérieurement publiées. On a donc établi tout un système de description pour la référence dans le SN. Ce fut à partir de cette description que l'on a proposé une nouvelle taxonomie pour les mots nominaux du Portuguais. Ce sont sept catégories fonctionnelles établies selon des aspects sémantiques et des aspects morpho-syntatiques. Dans un deuxième moment de la recherche, suivant méthodologie pareille, fut analysé le fonctionnement sémantique des quantificateurs. Tout à la fin, furent exposés des exercices faits pour l'école primaire.

## **1. apresentação**

*Não basta abrir a janela  
Para ver os campos e o rio.  
Não é bastante não ser cego  
Para ver as árvores e flores*

ALBERTO CAEIRO

É mais ou menos consensual que a metodologia não antecede à pesquisa. A metodologia se constrói no decorrer da prática da investigação empreendida: são dados e perguntas que aparecem ao se mexer, digamos assim, no problema estudado. Minha pesquisa não foge a esse postulado (ou antipostulado) epistemológico. A pergunta central de minha pesquisa se configurou tal e qual ora apresento no decorrer das testagens e reflexões sobre a referência nos SNs. Em suma, apresento neste trabalho o objetivo e resultado de uma investigação que conclui minha formação como mestre em linguística.

Dada essa constatação, escolhi dar ao texto certo tom de relato cronológico de pesquisa. Procurei, e espero tê-lo alcançado, cumprir as etapas e as exigências que se impõem à dissertação de um postulante a pesquisador em linguística. São discutidas, ou pelo menos apontadas, questões relativas às **definições**, à **metodologia**, às **limitações do corpus de pesquisa**, à **obtenção de dados**, à sua **testagem** e, finalmente, à sua **descrição** conforme os **parâmetros teóricos** apresentados no decorrer da dissertação.

Tal opção me permitiu atentar para aspectos da pesquisa em linguística, aos quais, antes, não havia dado a devida atenção e valor. Observar a alternância entre a investigação teórica e a busca empírica; avaliar a lida com as ocorrências estranhas, buscando locá-las como contra-exemplos, como um corpus paralelo, foram situações que me parecem importantes a serem relatadas.

Esses comentários iniciais não visam propor leitura diferenciada para esta dissertação. Não há nada de tão diferente que justifique tal empreitada ou julgamento; não há nada de especial que loque minha simples pesquisa dentro de um grupo de novas pesquisas que desde suas primeiras linhas já estabelecem parâmetros a serem, senão seguidos, pelo menos considerados como referenciais. A estrutura cronológica é apenas uma forma de se deixarem explícitas as etapas da investigação.

Esta dissertação se organiza da seguinte forma: são apresentadas as definições essenciais à análise: **referência** e **qualificação**. Em seguida, apresento a quantas anda a sua aplicação na descrição do funcionamento do SN e, a partir da incompletude da análise disponível, passo a propor as considerações que esta pesquisa permite. Essas considerações me levaram à proposição de uma **nova taxonomia** dos itens lexicais nominais. Após essa proposta, apresento a descrição do funcionamento semântico dos **quantificadores**, seguindo, na medida do possível, os mesmos parâmetros teóricos e técnicos dos primeiros capítulos.

Finalmente, gostaria de registrar nesta apresentação, meu agradecimento à excelente orientação à qual tive acesso. Os professores Mário Alberto Perini e Yara Goulart Liberato sempre me foram rigorosos, próximos, amigos e estimulantes.

## **2. considerações Iniciais**

*A bandeira mais linda  
é que melhor arde*

NUM MURO DO BAIRRO ALTO DE LISBOA

O objetivo e o resultado desta pesquisa são o estabelecimento de uma nova **taxonomia para os itens lexicais nominais** em português. Essa taxonomia vem de uma **descrição das condições formais para a interpretação referencial** dos itens nominais.

Há vasta literatura técnica que se dedica aos elementos que compõem o **sintagma nominal**, SN. Ademais, como é conhecido, a noção de **referência** é tema central nos debates da filosofia analítica. Não me ative prioritariamente à revisão literária ou ao estudo do tema de um ponto de vista filosófico. Meu estudo é de cunho descritivo. As discussões conceituais participam apenas lateralmente à tarefa da descrição do corpus estudado. Sobre o imenso debate acerca da referência, sugiro a leitura da Tese de Doutorado de Yara Liberato que se dedica, com destreza, a esse tema.

Meu trabalho se baseou sobretudo nos textos mais recentes de Mário Alberto Perini e colaboradores, particularmente nas publicações e notas de aula de 1996 até o atual momento. Perini *et alii* (1997) servem-se dos traços semânticos da potencialidade de referência, <R>, e de qualificação, <Q>, como mecanismo de descrição da referência dentro do SN. Sua análise se dedica prioritariamente aos traços semânticos potenciais dos termos do SN e sua ordenação interna ao sintagma. Não se discute plenamente a influência das condições formais no funcionamento da referência do SN, assunto ao qual me dediquei, mas se reconhece sua importância.

Há itens lexicais do português que podem exercer função **referencial**, notada como “R”, e apresentam, igualmente, a possibilidade de uma interpretação não-referencial, i.e., que podem ter uma aceção **qualificativa**, ou função “Q”. Dentre eles, alguns podem exercer a função referencial livremente. Ou seja: não lhes é necessário o estabelecimento de um ambiente formal específico para que a potencialidade semântica <+R> se configure em função “R”. *Gordo*, por exemplo, pode exercer função <R> independentemente do ambiente linguístico no qual se encontre. Pode ser assim interpretado no plural ou singular, no gênero masculino ou feminino, antecedido ou não por algum determinante, como aparece na lista de exemplos abaixo.

- (1) Um(a) gordo(a) sempre se penteia para a esquerda. ← em função <R>
- (2) Gordos(as) sempre se penteiam para a esquerda. ← em função <R>
- (3) O(A) gordo(a) sempre se penteia para a esquerda. ← em função <R>
- (4) Os(As) gordos(as) sempre se penteiam para a esquerda. ← em função <R>
- (5) Gordo(a) sempre se penteia para a esquerda. ← em função <R>

Por sua vez, *belo*, que também é um item nominal, exige uma configuração linguística própria para poder ser interpretado referencialmente. *Belos* deve aparecer, necessariamente, no plural e antecedido pelo determinante artigo definido para ter interpretação referencial:

- (6) \*Um(a) belo(a) sempre se penteia para a esquerda.
- (7) \* Belos(as) sempre se penteiam para a esquerda.
- (8) \*O(A) belo(a) sempre se penteia para a esquerda.
- (9) Os(As) belos(as) sempre se penteiam para a esquerda. ← em função <R>
- (10) \* Belo(a) sempre se penteia para a esquerda.

Adiante, portanto, que as condições de interpretação referencial comportam dois tipos de traços linguísticos:

- **condições semânticas:** há itens que contêm os traços semânticos genéricos potenciais <+R> e <+Q> e há outros que não contêm ambos,
- **condições morfossintáticas:** há configurações morfológicas e sintáticas que influem na interpretação referencial do núcleo do SN.

São esses traços que foram explorados no decorrer deste trabalho.

A associação do aspecto semântico ao aspecto morfossintático dá nova dimensão à teoria de Perini *et alii*. Não se trata apenas da inclusão de um traço descritivo a mais. Associar os traços semânticos aos traços morfológicos significa estabelecer um **complexo** de traços que deve ser considerado com suas duas entradas. Creio que se trata de um passo adiante, que resulta no aprofundamento da pesquisa que Perini e colaboradores divulgaram na publicação de número especial da *Revista de Estudos da Linguagem* da Faculdade de Letras da UFMG, em 1996. Nesse estágio assumidamente inicial da análise semântica dos SNs, estabeleciam-se categorias lexicais definidas a partir de suas potencialidades semânticas, <+R> e/ou <+Q>. A descrição se restringia à distribuição dessas potencialidades dentro do SN, levando-se em conta fatores semânticos e, de certa forma, condições pragmáticas para descrever a distribuição dos termos dentro do SN. Não se considerava explicitamente, até então, a inclusão dos traços morfossintáticos no modelo descritivo.

Tem-se, com esta pesquisa, um modelo de descrição que inclui, além do já citado estudo das potencialidades semânticas dos itens nominais, as variações formais de **número**, de **gênero**, e a **presença** ou a **ausência** de **pré-determinantes** e **determinantes**.

Estabelecido esse **complexo** de traços, me dediquei a estabelecer uma nova taxonomia para o conjunto dos itens lexicais nominais do português. Essa taxonomia, que será apresentada mais à frente, é de natureza **funcional**.

O caráter **funcionalista** desta pesquisa deve ser compreendido como a busca de descrição para os elementos que explicam as variações na interpretação das expressões nominais estudadas. Como será analisado, há significativas mudanças na interpretação de uma determinada palavra, quando ocorrem variações formais e sintáticas. Busca-se, assim, a

descrição do princípio da iconicidade, que prevê motivação na relação entre **forma** e **significado**, aspecto determinante ao paradigma funcionalista, nas palavras de Sebastião Josué Votre:

Tomemos o princípio da iconicidade como ponto de referência. Em sua acepção mais forte, esse princípio nos diz que há uma relação de motivação entre forma e significado, de modo que os humanos agem intencionalmente em termos linguísticos, embora nem sempre possamos precisar a intenção ou o propósito específico de cada ato verbal. Isso implica que, na língua, nada se dá por acaso. (Votre, 1996:28).

Mais especificamente, poderia locar esta investigação sobre a referência do SN em uma categoria *das função como interdependência*, para me servir da classificação de Johanna Nichols (1984), apresentada por Alzira Macedo (1998:74) em artigo na Revista *Veredas*. Segundo essa concepção, dadas as condições preliminares, associa-se uma interpretação semântica a um determinado traço formal. A iconicidade absoluta apregoada por uma visão funcionalista radical não se aplica de forma plena aos dados estudados.

A proposta de nova taxonomia supera o conhecido desconforto teórico verificado na análise tradicional de se ter um dado item lexical **x** presente em duas categorias se esvai ao se reconhecer que **x** apresenta traços funcionais do primeiro e do segundo grupo. Em cada ocorrência linguística específica, **x** estará se comportando como elemento de um ou de outro grupo, e nunca efetivamente dos dois.

O argumento que sustenta tal posição funcional se origina na clássica dificuldade de se organizarem categorias<sup>1</sup> para os mais diversos domínios. Pode-se, por exemplo, questionar se uma xícara continua a ser xícara se tiver suas asas cortadas; ou se um copo passará a ser xícara se a ele forem atadas asas. No entanto, não há polêmica em se dizer que o traço “ter asas” é particular a xícaras e não a copos; ou ainda que é mais natural que se tome refrigerante em um copo e não em uma xícara.

Para a análise linguística, essa polêmica se faz presente ao se afirmar que uma dada palavra **z**, como *gordo*, por exemplo, é um adjetivo usada como substantivo, ou um substantivo usada como adjetivo. Voltando às nossas louças, é como se disséssemos que é xícara um copo

---

<sup>1</sup> Este debate concerne a definição de **acidentalidade** e **essencialidade** dos traços que caracterizam as entidades e as loca em categorias. É a partir da distinção clássica em Aristóteles que se estabelece a indagação sobre o que define a entidade e o que a particulariza. Posto na terminologia do filósofo, busca-se o estabelecimento da distinção entre o que é **essencial** a uma entidade e o que lhe é **acidental**. Assumo minha limitação no conhecimento da história da filosofia ao afirmar que surge em Aristóteles a distinção entre o que é **essencial** e o que é **acidental**. Pode ter havido discussões anteriores aos textos do discípulo de Platão que, se existirem, me são desconhecidas. Em todo caso, me remeto ao linguista John Taylor que inicia sua exposição a este respeito em Aristóteles: “Let us begin with Aristotle. Aristotle, as is well know, distinguished between the essence of a thing and its accidents” (1995:22)

“com asas”, ou que é copo uma xícara “sem asas” ou que beber refrigerante em uma xícara faz com que ela passe a ser um copo.

Pela consideração dos traços semânticos e mórficos, pode-se descrever um item lexical via formulação que não permite essa ambiguidade. Uma palavra **z** poderá ser interpretada como em função <R>, se somente se, possuir a **potencialidade semântica** <+R> e as **condições mórficas** para que essa potencialidade se realize. Pode-se afirmar que a palavra **z** tem determinado traço e que este traço é característico de uma categoria na qual **z** pode ser locada. O que pode soar tautológico, a uma primeira vista, é, na verdade, uma possibilidade de se analisar o que faz com que algumas palavras funcionem como “R” e outras não? e em quais condições isso acontece? Essas são questões abordadas nesta pesquisa.

Foi através de testes que analisam separadamente os mecanismos formais e semânticos que foi possível o estabelecimento de uma nova taxonomia lexical. A nova taxonomia proposta está, sem dúvida, fadada a erros e a contestações. A inaceitabilidade de alguns exemplos desta dissertação poderia ser questionada se forem sugeridas ocorrências textuais anteriores. A título de exemplo, poder-se-ia dizer que o enunciado (6) é aceitável, se houver uma referência textual anterior, um contexto situacional adequado etc. Correto. Mas friso que estou lidando, explícita e limitadamente, apenas com sentenças em situação hipotética de **início de conversa**, o que descarta, por completo, análises ou considerações a respeito de situações anafóricas<sup>2</sup>.

Os julgamentos de aceitabilidade que fiz sobre exemplos por mim imaginados podem, igualmente, estar na mira de uma crítica que, com justeza, indagaria o porquê da aceitabilidade de (9) e não de (6), por exemplo.

Como é de amplo conhecimento entre os estudiosos da linguagem, não se tem clareza sobre como lidar com os dados linguísticos. Até mesmo a definição do que seja um dado linguístico é passível de muitas interpretações: intuição do falante-pesquisador, *corpora* estabelecidos por pesquisas anteriores, dados estatísticos, fontes escritas literárias ou jornalísticas etc. A cada uma dessas formas de se estabelecer o conjunto de dados, podem ser feitas ressalvas consideráveis.

Assumo, portanto, a forte dose de **intuição linguística** que perpassa a investigação empírica desta dissertação. Na grande maioria das vezes, os exemplos foram julgados por mim inicialmente e discutidos apenas com os professores que orientaram a pesquisa. Aceitar a intuição linguística pessoal é indicação clara da aceitabilidade pressuposta dos postulados do **realismo epistemológico**, ao qual me filio.

---

<sup>2</sup> Sobre **anáforas** vale consultar Fulgêncio (1978), em cuja dissertação se encontra: “anáfora é um elemento polivalente, com matriz semântica pouco preenchida, e que, para se identificar o seu referente, é necessário relacioná-lo com outro elemento fornecido pelo contexto linguístico ou extra-linguístico” (p. 72)

Ao contrário do ceticismo, o realismo aceita que “a analogia e a probabilidade constituem fundamentos suficientes para se poder falar de conhecimento” (Zilhão, 1993:48). Ou seja: minhas próprias observações empíricas, que se traduzem em grande medida na aceitabilidade de um dado enunciado, provavelmente serão confirmadas pelos outros falantes do português, posto que são, assim como eu, falantes do português! Esse raciocínio, ponto importante na obra de Wittgenstein, se faz mais claro nas palavras do linguista e filósofo português António Zilhão especialista no filósofo austríaco:

(...) embora não me seja dada a possibilidade de verificar realmente a ocorrência de sensações e pensamentos (em outras) figuras humanas que percepciono, a analogia com o meu próprio caso fornece-me um grau de probabilidade suficientemente forte, pelo que não há razão que me impeça de considerar a existência nelas dos mesmos processos interiores que ocorrem em mim quando os seus comportamentos são semelhantes aos que eu tenho como consequência da ocorrência em mim desses processos interiores (sensação e/ou pensamentos); portanto, as outras figuras humanas são objecto das mesmas generalizações que aquelas à quais fui levado pela minha experiência e as quais sei, por este facto, serem verdadeiras a meu respeito. (1993:47)

Essas observações iniciais de carácter pré-metodológico não visam desconsiderar o valor empírico das pesquisas sobre a linguagem humana. O que expresso é a já muito conhecida necessidade de se estabelecer uma metodologia de pesquisa mais apurada e que dê conta de um universo de dados que, se não mais complexo, pelo menos mais problemático de ser descrito do que os da biologia, da química e da física. A pesquisa linguística, salvo situações muito específicas, não faz uso de laboratório ou de experimentos que reproduzam sob controle aquilo que ocorre no mundo, como o fazem as ciências laboratoriais e, assim, mais objetivas.

Para complicar ainda mais a nossa tarefa, nos servimos daquilo que se pesquisa para explicar aquilo que se pesquisa: a língua. Nas palavras de Louis Hjelmslev:

A linguística tem como objetivo estabelecer um método através do qual se possa descrever as línguas. Isso se faz pela introdução de uma **língua que permite a descrição das línguas**. (1963:175) [destaque acrescido]

Ainda sobre o tema da dissertação, há outros comentários teóricos iniciais, notadamente algumas definições básicas, a serem registrados.

## 2.1. definições

### 2.1.1. sobre a referência

A noção de referência é de suma importância para os estudos linguísticos. Em artigo publicado no Boletim da ABRALIN, Ana Lúcia Müller chama a atenção para o caráter, digamos, interdisciplinar da definição.

O estudo da referência é extremamente interessante e relevante para o linguista, pois levanta questões que se situam numa região de interface entre diferentes áreas do estudo da linguagem como a semântica, a pragmática e a sintaxe. É, conseqüentemente, uma área bastante adequada para um diálogo entre os modelos que se ocupam de diferentes áreas do estudo da linguagem. (Müller, 1993:273)

Assim, achei por bem, de forma breve, citar algumas definições de referência que se encontram nos domínios da filosofia analítica e da lógica. Não intento, com isso, fazer uma revisão sobre o tema. Como será notado à frente, contemplarei uma noção mais “palpável” do que venha a ser referência, legando à intuição linguística o reconhecimento da ocorrência da referência do SN.

O exercício do passeio por áreas paralelas aos estudos da linguagem no seu sentido estrito e descritivo, a princípio, deve ser compreendido como um instrumento de auxílio conceitual. Faço eco às palavras de Daniel Andler (1992) que atenta para o fato de ser necessária a separação das áreas de estudo. Segundo minha interpretação dos capítulos iniciais de seu livro **Introduction aux sciences cognitives**, Andler destaca que a busca de uma explicação unificada para o problema da representação é legítima, mas por demais longínqua.

Por um lado, considerando a neurolinguística<sup>3</sup>, há assumidamente um longo caminho a se percorrer na descrição do sistema neurológico do ser humano; por outro, as definições formais da representação oferecem soluções lógicas que não primam pela descrição do universo das ocorrências linguísticas em seus pormenores. Aos detalhes formais, semânticos e pragmáticos da linguagem, como diz Müller, cabe um estudo descritivo detalhado.

Antes de expor as definições da filosofia analítica, gostaria de exemplificar o que disse sobre a limitação das explicações da lógica. Peguemos o caso dos quantificadores.

Admito ser um efetivo desconhecedor da filosofia, mas me parece que quando se discutem os quantificadores, cita-se uma meia dúzia<sup>4</sup>: *todos, nenhum, alguns, poucos, muitos, sempre, nunca*. Para os raciocínios lógicos apresentados, esses exemplos bastam. Mas há, afora esses quantificadores, uma série de palavras que possuem alguma acepção quantitativa: *levas, bandos, hordas, arquipélago, manadas, três, leve, pesado, forte, fraco, cinco, dúzia*,

<sup>3</sup> Vale conferir a obra de Damásio, 1996.

<sup>4</sup> Como aparece no capítulo 2 do clássico de McCawley, 1993.

*milhares, poucos, pouco* etc e que não são levados em conta ao se falar da quantificação do ponto de vista puramente lógico.

Se analisarmos a semântica desses elementos lexicais, encontraremos fatos de linguagem bastante interessantes e que só foram reconhecidos através de pesquisa descritiva, como a relação inversa entre a carga de informação semântica e a carga de informação quantitativa expressa pelos quantificadores, como será mostrado mais adiante nesta dissertação. Ouso, assim, propor que análise da filosofia que concerne os quantificadores e sua lógica é eficaz, como propõe Andler,

O sistema privilegiado na perspectiva cognitiva é a lógica moderna, mais precisamente a família da linguagem de primeira ordem, sob o nome de linguagem do pensamento. (Andler, 1992:32)

mas, deve se resguardar de comentários muito genéricos e evitar transportar aquilo que se conclui sobre funcionamento lógico dos quantificadores concernidos pela análise lógica a todos os quantificadores. É fato que ressalva como essa está presente nos textos de filosofia analítica. Daniel Laurier, por exemplo, alerta para a incorreção de se reconhecer na obra de Frege a idéia de que “a significação de uma expressão linguística se reduza a seu conteúdo lógico.” (Laurier, 1993:164)

Mas, mesmo que essa ressalva seja expressa, a relação inversa entre a carga semântica e a carga de quantificação, apresentada nesta dissertação, não é descrita pela lógica moderna. Essa relação é importante para se falar da referência dos quantificadores em português. Feito esse comentário, voltemos para a filosofia analítica,

**referir** significa **apontar para uma entidade/objeto/indivíduo determinado no “mundo” através do uso de “expressões referenciais”**. Este mundo, que contém os objetos os quais falamos, pode ser “o mundo real” ou mesmo qualquer mundo sobre o qual somos capazes de falar, qualquer “mundo possível” (Müller, 1993:273) [destaques da autora]

As expressões referenciais são os SNs ou formas anafóricas relativas. Dado que se postula a existência do “mundo” e a ele se faz referência via uso de expressões linguísticas, a definição de realidade designada pelas expressões linguísticas apresenta-se necessária. Dado que não há uma relação biunívoca entre o “mundo” e a linguagem, tanto ocorrem expressões com mais de uma “coisa” no mundo às quais se refere, quanto há formas várias de se referir a uma única “coisa” no mundo.

Frege (1985[1892]) postula a diferença entre **sentido** e **referência**. Sentido é *o modo de apresentação* e referência *a entidade a qual nomeia*. O clássico exemplo fregeano deixa claro que há duas, ou mais, formas possíveis para se referir ao planeta Vênus. Pode-se servir das

paráfrases “a estrela da manhã” ou “a estrela da tarde” para se referir ao planeta, que é um único. São, portanto, dois sentidos para uma mesma referência<sup>5</sup>.

Em âmbito restrito à teoria linguística, temos as definições de Perini *et alii* que sustentam a noção de **referência** como a potencialidade dos itens serem “utilizados para designar entidades do mundo real ou imaginário” (1996: 76) e, em Ronald Langacker,

Parece-me que toda noção de referência, linguisticamente apropriada, deve se assemelhar à noção gramático-cognitiva de designação aplicável a qualquer um desses mundos<sup>6</sup> (1983:114)

Essas definições podem parecer vagas. Talvez de fato o seja. Uma outra tentativa de definição a ser empreitada é o ensaio de testar, via mecanismos linguísticos, quando ocorre referência. Procurei, por isso, apresentar uma forma de testar quando ocorre referência em um enunciado, a partir da expressão *uma coisa*, como será mostrado a seguir.

### 2.1.2. o que é uma coisa?

Em ensaio intitulado *Une leçon de chose: sur le statut sémantico-référentiel du mot chose*, Kleiber (1994) discute o que é “uma coisa” a partir da distinção entre substantivos **contáveis** e substantivos **não-contáveis** definidos como:

- **substantivos contáveis:** classe referencial do mesmo tipo dos indivíduos; “a regra é: se X é uma ocorrência particular de um substantivo Y, pode-se dizer que X é Y. É dizer simplesmente que uma ocorrência de *chipanzé* (sic) é *um chipanzé*” (p.14)
- **substantivos não-contáveis:** classe referencial que não se refere a um divisão em indivíduos de um mesmo tipo; não há limites de indivíduos definidos dentro da categoria. Assim, a partir do substantivo não contável “água”, pode-se dizer que “gota (de água)” é água, “copo (de água)” é água etc.

Não se trata de uma diferença de cunho ontológico, mas referencial, explica Kleiber. Há diferenças na natureza da referência: os substantivos contáveis têm uma natureza de referência **heterogênea**. Uma parte do chipanzé, que é um substantivo contável, como uma orelha por exemplo, não é um chipanzé; é apenas uma orelha de chipanzé. Por outro lado, a referência de

<sup>5</sup> Sobre este tema vale conferir Frédéric Néf (1991), particularmente o capítulo 5 intitulado “Signification”

<sup>6</sup> *Mundo* aqui se refere aos “mundos” físico, mitológico, onírico, matemático, futuro etc...

um substantivo não-contável é **homogênea**. Uma parte da água, substantivo não contável, é água; uma gota d'água é água. O exemplo de Kleiber deixa claro esse postulado:

Um morango (retirado ou não de uma torta de morangos) não é uma torta de morangos, simplesmente porque um morango não responde às condições de ser um uma parte ou uma fatia da torta de morangos. O uso dessas condições semânticas permite sustentar (circularmente?) a regra da divisibilidade homogênea: uma parte de N, ser for de fato N, é igualmente N. (p.15)

A diferença entre a interpretação semântica e ontológica é a seguinte: no que concerne à semântica, não se trata de postular a existência de subconjuntos conceituais mínimos, para se evitar o retorno analítico infinito, mas deve se considerar que uma parte de um conjunto X represente esse conjunto por possuir as mesmas características do conjunto em questão. Assim, fatia de torta de morango é torta de morango porque cria-se imagem de torta de morango ao se falar fatia de torta de morango. Torta de morango e fatia de torta de morango, pelo menos em parte, possuem as mesmas características que as definem, assim, como conjunto e subconjunto homogêneos.

Uma leitura ontológica determinaria a unidade mínima de torta de morango não pela homogeneidade da referência, mas por sua composição. Torta de morango é o conjunto dos ingredientes que a compõem submetidos aos processos adequados para sua preparação. Se se isolam os elementos ou se não se praticam os processos de sua produção, não se terá uma fatia de torta de morango. Assim, morango é apenas um dos elementos que compõem a torta de morangos.

Interessa à teoria da linguagem a consideração apenas do aspecto semântico dessa distinção. Estabelece-se que há diferenças na natureza referencial dos substantivos e que essa diferença não é de cunho ontológico, como se viesse da natureza da entidade designada, mas de cunho referencial.

Kleiber propõe que se faça um teste de aceitabilidade da palavra *coisa* em algumas situações particulares para avaliar a ocorrência de referência. Mesmo que haja alguns usos que se aceitam no nosso idioma que não se aceitam em francês, pode-se dizer que a palavra francesa *chose* se traduz como *coisa* sem perda do valor do argumento. De natureza nominal, *coisa* é um item lexical dotado de uma situação de *quasi-vacuidade* semântica; o que justifica ser chamado como substantivo-camaleão. *Coisa* pode querer dizer tanta “coisa” que, de alguma forma, nada quer dizer. Mesmo assim, *coisa* tem restrições semânticas quanto à sua aceitabilidade. Há ambientes em que não se aceita a palavra, como se nota na série de exemplos a seguir:

(11) Deve-se dar o nome *macaco* aos “macacos”

(12) \* Deve-se dar o nome *coisa* às “coisas”.

(13) – Você quer um livro?  
-- \* Não quero uma coisa.

Para esta pesquisa, a palavra *coisa* interessa como palavra-teste de referência. Salvo essas situações em que a palavra não é aceitável, *coisa* é aceita quando ocorre função referencial. Onde ocorre algum tipo de referência, na função sujeito ou objeto, pode-se substituir o SN ou a oração subordinada substantiva pela palavra *coisa*.

### 2.1.3. testes

Começo a série de testes com expressões que o senso comum e os estudos linguísticos dão como sendo uma “coisa” e, assim, exercem função referencial imediata. O teste segue a lógica da substituição da expressão em destaque por *coisa* em enunciado seguinte.

(14)- Você quer café?  
- Não, não tomo essa coisa.

(15)- Você viu o meu carro?  
- É essa coisa, aí?

(16) Sapatos de couro é essa coisa aí.

(17) Yoga é uma coisa que eu gosto.

Pode haver uso dêitico, ou exóforo, também:

(18) Que coisa é esta?

(19) Que coisa horrível é esta, meu filho?

Ou ainda, ocorre efeito de catáfora, uma vez que o referente é explicitado em contexto linguístico posterior, como em (20):

(20) Um coisa que eu gosto é banana ao forno com creme de leite.

As mesmas substituições podem ocorrer com expressões linguísticas complexas como sentenças substantivas ou *small clauses*:

(21) Viajar para Paris é uma coisa que me agrada.

(22) Que o Daniel tenha ido para o Canadá é uma coisa que eu admiro.

(23) Uma coisa diferente é que ele tenha viajado de navio.

Como já disse, deve-se analisar com mais profundidade essa palavra-camaleão. Mas o que conta, para esta pesquisa, é que *coisa* pode servir como teste de substituição de expressões referenciais. Pode-se dizer, portanto, que quando ocorre referência, seja lá qual for a estrutura do enunciado ou natureza do SN, é possível se substituir a expressão por *coisa* mantendo o valor de referência.

#### 2.1.4. o que é qualificação?

Qualificação também não é conceito fácil de ser definido. O termo tem sido usado com sentidos diferentes na literatura linguística e não é meu objetivo discutir a fundo a noção. Para esta dissertação, estou seguindo a nomenclatura adotada na proposta de Perini *et alii* (1996), que reflete a concepção proposta em Liberato (1997). Segundo esta autora, a referência é a relação que se estabelece, em um determinado contexto situacional, entre uma expressão linguística e um referente (uma “coisa” à qual se refere).

Liberato diz que, ao usarmos certas expressões linguísticas referencialmente, o que fazemos é fornecer ao interlocutor uma descrição do referente, suficientemente detalhada para distingui-lo de todos os outros referentes possíveis no universo do discurso. Descrever um referente é fornecer traços que o caracterizam; e atribuir uma característica a um referente é enquadrá-lo em uma classe. Podemos, por exemplo, usar a expressão *o engenheiro* para descrever um referente.

Mas nem sempre uma descrição tão simples é suficiente. No mais das vezes, principalmente ao se introduzir um referente novo em um contexto discursivo, é preciso fornecer uma descrição mais detalhada. Pode ser necessário utilizar uma expressão como *o engenheiro civil*. Nesse caso, delimita-se uma subclasse dentro da classe de engenheiros. A descrição será detalhada quanto necessário para a identificação adequada do referente pretendido. Pode-se ainda precisar diferenciar *o engenheiro civil incompetente*.

Ao item que representa a classe mais ampla em que o referente é enquadrado numa determinada descrição, Liberato chama *classificador*, enquanto Perini *et alii* chamam *TL em função “R”*. Aos itens que representam as subclasses, Perini *et alii* chamam *TL em função “Q”*.

Segundo Liberato, trata-se de funções semânticas que um item léxico pode assumir em um determinado SN, em um determinado enunciado, não de categorias de elementos especificados no léxico da língua.

No léxico, a matriz semântica de cada item traz, segundo Perini *et alii*, o seu potencial semântico<sup>7</sup>: podem ou não ser usados como nomes de entidades (são <+/-R>, têm ou não potencial referencial); e podem ou não ser usados para qualificar alguma entidade<sup>8</sup> (são <+/- Q>, têm ou não potencial qualificativo).

### 2.1.5. para esta dissertação o que é referência e qualificação?

**Referência:** é a relação que se estabelece em um certo contexto situacional entre uma expressão linguística e um referente, uma “coisa”. À entidade designada, de qualquer natureza que seja, pode ser adicionada uma expressão linguística complementar que a qualificará ou classificará. Em uma expressão como *um engenheiro civil*, por exemplo, reconhece-se que *engenheiro* é a “coisa” à qual se acrescenta a qualificação *civil*. Em outros termos, primeiro se reconhece e se designa “engenheiro” pela expressão *engenheiro* para, em seguida, atribuir à entidade reconhecida e designada a qualidade “civil”.

**Qualificação:** a especificação do grupo designado pela expressão referencial a um subgrupo interno ou a atribuição de alguma expressão explicativa é qualificação. A qualificação é função exercida por uma expressão interna ao SN que desempenha efeito de estabelecimento de subclasse ou atribuição de qualidade. A distinção entre essas duas ocorrências não será necessária, posto que o objeto de estudo é a referência, item em função <R>, em Perini, ou os classificadores, para usar a nomenclatura de Liberato.

---

<sup>7</sup> Nesse ponto as análises de Liberato e Perini et al. se diferenciam, em consequência de como cada um define *item lexical*. Essa é uma questão que não interessa a esta dissertação; volto por isso à proposta de Perini et al., que adoto neste trabalho.

<sup>8</sup> Os autores dizem “podem ou não ser usados para *referir-se* a alguma entidade” em uma situação de fala, não é o item em função “R” que é usado para referir-se a uma entidade, mas o SN como um todo.

**aspectos da referêcia:  
proposta de uma nova taxonomia**

*Comment connaissons-nous les choses telles  
qu'elles sont en elles-mêmes, puisque les connaître  
c'est toujours les percevoir ou les penser  
comme elles sont pour nous?*

ANDRÉ COMTE-SPONVILLE



## 3.2. sobre aspecto nominal

A classe que comporta os itens **nominais** é muito vasta e foi estabelecida a partir de traços **mórficos** comuns aos itens que a constituem. Todos eles, salvo poucas exceções, apresentam marcação de número e de gênero. Podemos designá-la, portanto, como uma classe lexical formada a partir dos traços nominais **número e gênero**.

Vale esclarecer que a noção de número **nominal** é diferente da noção de número presente nas estruturas **verbais**. As conjugações verbais possuem variação de pessoa do verbo: 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup>, e de número: plural e singular. São, a bem da verdade, 6 pessoas verbais: 1<sup>a</sup> singular, 1<sup>a</sup> plural, 2<sup>a</sup> singular e 2<sup>a</sup> plural, 3<sup>a</sup> singular e 3<sup>a</sup> plural. A conjugação verbal flexiona em acordo com o que está na posição de preenchimento do sujeito da sentença, com o tempo, o modo e o aspecto do verbo e com o grupo estabelecido com a terminação do verbo. Tem-se, assim, um vasto conjunto de variações morfossintáticas.

Do ponto de vista mórfico, não há uma separação entre número e pessoa do verbo. A 1<sup>a</sup> pessoa do plural não é a 1<sup>a</sup> pessoa do singular acrescida de alguma marcação mórfica específica que indique ser a mesma 1<sup>a</sup> pessoa, porém, com o número diferente. Entre os itens nominais, no entanto, pode-se reconhecer que, via de regra, acrescenta-se uma marcação mórfica específica, um **s** ao final da palavra, para demonstrar plural de um item nominal, inicialmente no singular.

A classe nominal é tradicionalmente subdividida em cinco grupos: os **substantivos**, os **adjetivos**, os **pronomes**, os **artigos** e os **numerais**. Excluindo os **pronomes** e os **artigos**, que configuram classes fechadas, e os **numerais**, que exigem análise específica (cf. capítulo 2), pode-se dizer que são muito limitados os contra-exemplos<sup>10</sup> concernido a variação de número e gênero dos substantivos e dos adjetivos; o que não justifica, assim, uma reanálise do que se tem estabelecido segundo o critério mórfico.

Mesmo os substantivos, ditos uniformes, uma vez que apresentam uma única forma para masculino e feminino, possuem gênero. Seguindo a terminologia tradicional, o conjunto dos **epicenos**, como *a formiga* e *o tubarão*, por exemplo, assim como os **sobrecomuns**, *a criança* e *o alvo*, e os **comuns-de-dois**, *o(a) paciente* e *o(a) cliente* têm gênero e número que se fazem perceber quando regem o adjetivo e o artigo que o acompanham. O mesmo raciocínio é válido para os adjetivos uniformes, com a diferença de que estes são regidos pelo substantivo.

Enfim, as subclasses nominais abertas, adjetivos e substantivos, e as subclasses nominais fechadas têm os traços nominais de número e gênero marcados .

---

<sup>10</sup> Como exemplificação, cito os adjetivos *gelo*, *laranja* e *rosa* que não aceitam plural em um SN como em: \*os carros rosas/gelos/laranjas. No que concerne os substantivos, há exemplos de palavras que não aceitam livremente a marcação de plural *arroz* e *lápiz*, como em: \* os arrozes/lápis custam caro.

### 3.3. discussão sobre os critérios: a insuficiência do critérios formal; a necessidade de se incluir novo critério de análise

Se o critério mórfico de estabelecimento da grande classe nominal é suficiente, o mesmo não se pode dizer do estabelecimento e das definições dos grupos lexicais dos substantivos e dos adjetivos. Na gramática tradicional, consideram-se os substantivos e os adjetivos como duas classes lexicais distintas e autônomas, como se **existissem** substantivos e adjetivos. Os substantivos designam, ou nomeiam, as coisas e os adjetivos as qualificam, sem haver qualquer situação suficientemente diferente para questionar essa conceituação. Exemplo típico dessa concepção é encontrada na definição para adjetivo proposta por Celso Cunha:

O adjetivo é a espécie de palavra que serve para caracterizar os seres ou os objetos nomeados pelo substantivo, indicando-lhes (1) uma qualidade ou um defeito: inteligência lúcida, homem perverso; (2) o modo de ser: pessoa simples; (3) o aspecto ou aparência: céu azul; (4) o estado: laranjeiras floridas. (Cunha, 1970:115)

Ou por Rocha Lima:

Adjetivo é a palavra que modifica o substantivo, exprimindo aparência, modo de ser ou qualidade. (Lima, 1973:86)

Nas definições supracitadas, fica claro que os adjetivos não nomeiam, mas qualificam os objetos que são previamente nomeados pelos substantivos. Dessa forma, pensa-se que apenas tem-se um adjetivo se houver um substantivo anteriormente a ele ou subentendido em situação anafórica, como pode ser exemplificado em (2):

(2) Dom Serafim tem um irmão **gordo** e um irmão **magro**. O **gordo** come e fica triste; o **magro** come e fica feliz.

Na primeira ocorrência os supostos adjetivos em negrito qualificam *irmão* e, na segunda ocorrência, se referem ao objeto anteriormente citado no texto. No exemplo (2), não há problemas com a definição tradicional. Se, por um lado, o exemplo (2) justifica a definição tradicional, pode-se listar, por outro, uma relação muitíssimo abrangente, e mesmo majoritária, de adjetivos que designam entidades fora de situações anafóricas.

Dentro da ótica tradicional, amplamente vigente na confecção dos manuais escolares de português, quando se localizam contra-exemplos como esses, dá-se uma solução *ad hoc*. Propõe-se que o item da classe substantivo está **em função de** adjetivo ou vice-versa. No muito

vendido manual escolar de Pasquale e Ulisses, por exemplo, encontra-se a seguinte explicação para diferenciar os SNs *o jovem brasileiro* e *o brasileiro jovem*,

Na primeira frase, “jovem” é substantivo, e “brasileiro” é adjetivo. Na segunda, invertem-se os papéis: “brasileiro” é substantivo e “jovem” **passa a ser** um adjetivo. (1997: 245) [destaque acrescido]

Cunha, Rocha Lima e Pasquale-Ulisses incorrem no erro da confusão entre **função** e **classe**. O reconhecimento da **função** de um determinado constituinte leva em conta a relação entre os termos da oração. **Classe**, por sua vez, “é uma propriedade que se atribui a um elemento fora de contexto” (Perini, 1995:316). *Jovem*, portanto, não passa a ser um adjetivo; o que sugere uma mudança de classe. *Jovem* passa a desempenhar uma função gramatical diferente daquela que desempenhava na oração anterior<sup>11</sup>.

Onde se pautam os autores tradicionais para tirarem suas conclusões?

Intuo que o argumento do qual se servem, em termos genéricos, é uma má interpretação do critério da regência de número e gênero do adjetivo a partir do gênero e número inerentes ao substantivo. No exemplo (2), *gordo* aparece no singular e masculino, porque assim está o termo substantivo regente *irmão*. Correto até este ponto. Mas, crê-se que sempre que a palavra *gordo* aparecer em um SN, posto que na linha tradicional é um adjetivo, terá as suas marcações de número e gênero de alguma forma regidas por um substantivo presente no mesmo SN ou por sua presença estrutural anafórica. Daí, infere-se que a referência é sempre e apenas dada por um item lexical substantivo, presente ou pressuposto no SN.

Para se compreender melhor esta relação vamos definir com mais clareza o que venha a ser o **gênero inerente** e, por extensão, o **número inerente**. Em “*Grammatical gender and the NP head*” (Perini, inédito), Perini define o que é o gênero inerente e o gênero governado.

Vamos considerar o SN *a casa amarela*.

Os três elementos desse sintagma aparecem com marcação de gênero feminino. A palavra que define o gênero do sintagma o faz porque é dotado de gênero inerente. *Casa* é uma palavra que tem o **gênero feminino inerente**. Esse fato é absolutamente arbitrário. Não há nada na coisa “casa” que faça com que a palavra *casa* possua o gênero feminino. Mas, uma vez que o termo *casa* é núcleo do SN, esse define o gênero dos demais elementos do sintagma. Assim, *amarela* e *a* apresentam o **gênero feminino governado** por *casa*. Possuem nessa sentença, portanto, gênero feminino governado.

Em *o carro amarelo*, por exemplo, a marcação de gênero governado masculino em *o* e *amarelo* é marcadamente masculino, uma vez que *carro*, de gênero inerente masculino, é o núcleo do SN e, dessa forma, rege os demais elementos do sintagma.

---

<sup>11</sup> Sobre as definições de **classe** e **função** vale consultar Perini et al. (1998:213)

O raciocínio para a marcação de número é semelhante. O que difere é o fato de haver uma relação direta, e não arbitrária, entre o **número inerente** e a **realidade**. Usam-se as palavras *casas* e *carros*, no plural, se e somente se elas representarem na linguagem a realidade da existência, ou a suposição de existência, de um universo de “casas” ou de “carros” superior a um. A idéia da inerência, nesse caso, deve-se ao fato de não ser o núcleo do SN modificado pelos termos que o acompanham e sim o contrário. Em *as casas amarelas* e *os carros amarelos*, os artigos e os adjetivos ocorrem na forma plural posto que os respectivos núcleos dos SN assim se encontram por razões, como disse, de cunho pragmático.

Constitui-se, assim, a possibilidade da constituição de classes lexicais autônomas a partir de critérios funcionais que, por princípio, não permitem tal leitura. *Amarelo*, *jovem* ou *brasileiro* podem governar o número e o gênero do SN se desempenharem função núcleo do SN, como em (3), mas podem, em contrapartida, serem governados nas suas marcações nominais se não ocuparem tal função nuclear como aparece em (4) e (5), sendo que, em negrito, aparecem os núcleos possíveis dos SNs:

- (3) Um **amarelo** / **brasileiro** / **jovem** forte
- (4) Um **pássaro** amarelo /brasileiro / jovem
- (5) Uma **estudante** amarela /brasileira /jovem

*Amarelo*, *jovem* ou *brasileiro* não são, portanto, palavras que necessariamente têm o comando da regência do número ou do gênero do sintagma nominal.

A constituição de duas classes lexicais autônomas a partir de critérios funcionais é uma impropriedade teórica. Não é correto portanto afirmar que **existem** adjetivos e que **existem** substantivos. Conservando-se a nomenclatura tradicional, pode-se dizer que existem as funções substantivo e adjetivo. Retomando o exemplo (2), podemos afirmar que *gordo*, *magro* e a grande maioria dos ditos adjetivos podem iniciar enunciados; i.e., podem ocorrer fora de contextos anafóricos e serem núcleo do SN. *Gordo* pode ser o elemento que rege o número e o gênero do SN no qual se encontra se desempenhar função “de substantivo”, como em (6).

- (6) Gordos chatos avacalham festas.

Esse exemplo é uma pequena mostra daquilo que ocorre com a maior parte dos ditos adjetivos do português. Listo, abaixo, mais alguns exemplos de forma comparativa:

- (7) A biologia **celular** fascina Daniel.
- (8) O celular em promoção tem seus inconvenientes.
- (9) Um ombro **amigo** sempre é bem-vindo.

- (10) Um amigo sempre é bem-vindo
- (11) O industrial **rico** entregou parte de sua fortuna para a TFP.
- (12) O rico sabe aplicar seu dinheiro no investimento correto.
- (13) Um filé **gordo** faz sucesso nos churrascos na casa do Charles.
- (14) Um gordo sempre se sente culpado após o almoço.

Nos exemplos acima listados, há duas situações: nos exemplos ímpares, de fato, temos adjetivos de acordo com a definição tradicional. O item em negrito acompanha a marcação de gênero e número do substantivo e, a esse, atribuem qualidade ou propriedade. Mas nos exemplos pares, o mesmo não ocorre. Não se faz necessário um contexto frasal anterior para compreender as sentenças que têm tais SNs como sujeito. Em outras palavras, os SNs em posição de sujeito nos exemplos pares não trazem inconveniente algum de compreensão se forem tomadas como iniciadores de conversa. Por quê? Vejamos logo a seguir.

### 3.4. a solução semântica de Perini *et alii*

Apresento a solução proposta por Perini e colaboradores.

Em seus trabalhos de descrição do SN publicados em 1996, Perini observou que em português há uma enormidade de palavras que potencialmente podem ter função “de substantivo” ou “de adjetivo”. A essas funções foram dados os nomes referencial, <R>, e qualificativa, <Q>, respectivamente.

*Celular, amigo, rico e gordo*, por exemplo, são itens lexicais dotados da potencialidade semântica <+R> e <+Q>. Ao ocorrerem em um dado SN, desempenharão uma e apenas uma de suas potencialidades semânticas. Ter a potencialidade <+R, +Q> significa que fora do sintagma a palavra é dotada das duas possibilidades de interpretação. Uma vez presente em um SN, exercerá ou a função <R> ou a função <Q>; nunca as duas ao mesmo tempo ou nenhuma delas.

Dado que um SN terá sempre um elemento em função <R>, os demais itens lexicais, mesmo que potencialmente <+ R>, exercerão função <Q>. A descrição de como ocorre a seleção do item lexical a desempenhar a função <R> foi minuciosamente analisada na publicação supracitada.

O SN é descrito da seguinte forma: trata-se de um conjunto de itens nominais dispostos em estrutura de forma:

PDet + Det + TL<sup>n</sup>

onde, **PDet** é grupo restrito a apenas dois elementos: *ambos* e *todo(a)(s)*. O conjunto dos **Dets** engloba os artigos, os pronomes demonstrativos e os numerais. Para esses grupos lexicais não se faz necessária uma análise mais profunda. São classes cuja definição morfológica é satisfatória:

Em primeiro lugar, o PDet e o Det continuarão sendo definidos morfológicamente, porque não se conhecem fatores semânticos para suas peculiaridades de ocorrência. Assim, o PDet será o primeiro termo de qualquer SN onde ocorra, e o Det será o primeiro caso não haja PDet; quando há o PDet, o Det é o segundo termo. Aqui, portanto, não há o que comentar. (Perini *et alii*, 1996:57)

Podemos perceber que, dessa análise, resulta o abandono da subclassificação em substantivos e adjetivos. Tem-se um vasto conjunto nominal que ocupa, na estrutura sintagmática, a função **termos livres**, notados como TL. Assim, “ser TL” é uma potencialidade lexical que engloba as duas classes nominais abertas: substantivos e adjetivos. Observemos como isso ocorre em alguns exemplos<sup>12</sup>:

(15)<sub>S</sub> [<sub>SN</sub> [O carro velho <sub>SV</sub> [tem <sub>SN</sub> [seu charme]]]]

*Carro* é um TL de potencialidade <+R, -Q>, i.e., pode ocupar a função referencial, mas não a função qualificativa. *Velho*, por sua vez, é potencialmente <+R, +Q>. Esquemáticamente, podemos apresentar como:

**carro** <+R, -Q>

**velho** <+R, +Q>

Como todo SN tem sempre um e apenas um TL em função <R>, pode-se concluir que, em (15), *carro* é “R” e *velho* é “Q”. O primeiro TL é a referência à qual o segundo termo atribuirá alguma qualificação. TL é uma palavra com potencialidades semânticas inerentes que terá a sua função determinada pelo SN no qual se encontra. Assim, um TL como *carro*, dado que é apenas <+R>, só poderá exercer no SN a função de núcleo do sintagma. É como se fosse uma palavra que “só pudesse ‘ser substantivo’”. *Velho*, por outro lado, é uma palavra que se caracteriza pelas potencialidades semânticas <+R, +Q>. Se traduzido para a nomenclatura tradicional, *velho* seria caracterizada como uma palavra que pode “ser substantivo”, relativo a <+R>, ou pode “ser adjetivo”, relativo a <+Q>. A função exercida no sintagma depende, portanto, da potencialidade

---

<sup>12</sup> Lembro que são apenas considerados os SN em posição de sujeito da sentença. Por isso não mais destacarei os elementos sintagmáticos dos enunciados.

da palavra e da composição do SN. Consideremos agora o SN (16), cujos três TLs que compõem o sujeito da sentença têm potencialidade semântica <+R,+Q>:

(16) Um rico industrial australiano aplica seus investimentos em Jacobina.

que esquematicamente se apresenta como:

**rico** <+R, +Q>

**industrial** <+R, +Q>

**australiano** <+R,+Q>

Sem entrar em detalhes sobre a posição relativa dos TL dentro do SN, o que se pode afirmar é que se *rico* desempenhar função <R>, *industrial* e *australiano* desempenharão função <Q>. É verdade que se poderia legar a função <R> ao TL *industrial*. Se *industrial* for interpretado em função <R>, nesse caso, *rico* passará à função <Q>, e assim por diante. É fato que ocorrem mudanças semânticas dentro do SN em função das mudanças na posição relativa dos itens, mas mantém-se a regra de se ter apenas um TL em função <R> e os demais em função <Q>. Novamente me permito apenas citar a pesquisa de Perini *et alii* como indicação de análise do tema. O limite da aceitabilidade do SN é, portanto, haver no sintagma nominal apenas um TL com potencialidade semântica <+R> realizada.

Para testar a hipótese de haver sempre um, e apenas um termo em função <R>, façamos cair sucessivamente os TLs. Observemos que sempre que o termo em função <R> cai, ou se tem a inaceitabilidade do SN, ou um dos TLs em função <Q>, de potencialidade semântica <+R, +Q>, passa a exercer a função <R>, como ocorre na sequência de frases a seguir.

Dado o SN inicial (15<sup>a</sup>), ao se excluir o TL *carro*, em função <R>, como ocorrem em (15<sup>b</sup>), *velho*, até então “Q”, passa a ocupar a função <R>, posto que ficou vaga a função <R> do SN:

(15<sup>a</sup>) O carro velho tem seu charme,  
“R” “Q”

(15<sup>b</sup>) O velho tem seu charme,  
“R”

Reconsiderando o SN inicial (15<sup>a</sup>), ao se excluir o TL *velho*, em função <Q>, *carro* mantém-se como “R”, uma vez que a regra da necessidade de pelo menos um TL em função <R> é obedecida, como ocorre em (15<sup>c</sup>):

(15<sup>c</sup>) O carro tem seu charme,  
“R”

O mesmo procedimento pode ser observado nos exemplos testados abaixo:

(17<sup>a</sup>) Um rico industrial australiano aplica seus investimentos em Jacobina.  
“R” “Q” “Q”

(17<sup>b</sup>) Um industrial australiano aplica seus investimentos em Jacobina.  
“R” “Q”

(17<sup>c</sup>) Um industrial aplica seus investimentos em Jacobina.  
“R”

(17<sup>d</sup>) Um rico aplica seus investimentos em Jacobina.  
“R”

(17<sup>e</sup>) Um australiano aplica seus investimentos em Jacobina.  
“R”

Se o TL tiver traço semântico <+R, -Q> sempre que estiver em um SN desempenhará função <R>. Se houver um outro TL de igual potencialidade, no mesmo SN, incorre-se em inaceitabilidade do SN, como em (18),

(18) \* A lâmpada xícara foi comprada para a nova casa da Martha.  
“R” “R”

dado que, esquematicamente,

**lâmpada** <+R, -Q>

**xícara** <+R, -Q>

Há ainda uma outra ocorrência particular, na qual lega-se acepção <Q> a um termo que, fora desse sintagma, não tem aparentemente potencialidade <+Q>. Listo essas ocorrências que não aparecem nas publicações de Perini *et alii*, mas que me parecem lógica e semanticamente aceitáveis. *Biblioteca* e *carro* podem ser descritos com a seguinte caracterização de potencialidades semânticas:

**biblioteca** <+R, -Q>

**carro** <+R, -Q>

No entanto, em (19):

(19) O carro biblioteca foi oferecido pelo prefeito de Santa Teresa.  
-----“R”-----

Mesmo que não tenha um comportamento mórfico<sup>13</sup> de item em função <Q>, i.e., TL não-núcleo do SN, *biblioteca*, tem função semântica “Q”. Não vejo como não aceitar que *biblioteca*, em (19) exerça função <Q>. O mesmo ocorre em (20), logo abaixo. *Papo* e *cabeça* podem ser descritos semanticamente como:

**papo** <+R, -Q>

**cabeça** <+R, -Q>

Tem-se um SN, onde *cabeça*, descrito como item <+R, -Q>, exerce função <Q>:

(20) Papo cabeça é um troço que irrita a Virgínia.  
-----”R”-----

Esse último tipo de ocorrência indica, aparentemente, a ampliação das potencialidades semânticas de algumas palavras. *Cabeça* e *biblioteca* passam, nesses exemplos específicos, a ter uma potencialidade semântica mais ampla do que tinham antes. De termos <+R, -Q> passam à potencialidade <+R, +Q>. Há necessidade de se investigar diacronicamente como ocorre tal processo, particularmente no que tange à “migração” da função <Q> específica ao exemplo para uma situação de ambientes linguísticos mais amplos. (cf. **Conclusão**).

Em suma, essa análise privilegia os traços sêmicos <+/-R> e <+/-Q> como forma de não mais se constituírem classes lexicais, mas de se descrever a função das palavras dentro do SN no qual ocorrem. A ênfase dada aos critérios semânticos em detrimento da análise morfológica, ao se estabelecer um nova descrição dos itens nominais, reorganiza a tradicional divisão em cinco classes e, até mesmo, põe em xeque a possibilidade de se estabelecerem tais classes.

---

<sup>13</sup> Penso na variação de número governado pelo núcleo do SN, no caso, *carro*, dado que é inaceitável \*os carros *bibliotecas*.

### 3.5. novo problema

A análise de Perini *et alii* é geral. Suas explicações não consideram fatores que influem na atribuição de função <R>. Há alguns itens nominais que têm um comportamento semântico particular determinado por questões de fundo morfossintático e que merecem análise à parte.

Este é o objeto de estudo nesta nova etapa da pesquisa.

Os itens analisados são: *belo*, *bom* e *alegre*. Essas três palavras possuem a potencialidade semântica <+R>, mas não se comportam como os demais itens nominais de potencialidade semântica aparentemente idêntica, como *gordo*, *amarelo* e *rico*, por exemplo.

Era de se esperar que *bom*, *belo* e *alegre* assumissem papel <R> dentro do SN, tal qual ocorre com outros itens de potencialidade semântica <+R>, como *gordo*, *velho* e *rico*. *Gordo*, *velho* e *rico* ocupam função <R> com certa liberdade, i.e., sem exigir uma configuração morfossintática restrita, como se observa nos exemplos (21-25):

- (21) Um gordo/Um velho/ Um rico sempre se penteia para a esquerda.
- (22) Gordos/velhos/Ricos sempre se penteiam para a esquerda.
- (23) O gordo/ O velho/O rico sempre se penteia para a esquerda.
- (24) Os gordos/Os velhos/Os ricos sempre se penteiam para a esquerda.
- (25) Gordo/Velho/Rico sempre se penteia para a esquerda.

Via de regra, os termos nominais de potência semântica <+R> podem exercer função <R> no singular ou no plural, antecidos ou não por um artigo definido ou indefinido, como se nota na série de exemplos acima. A interpretação referencial dos item *belo*, um dos três estudados, só se faz possível dadas certas condições linguísticas.

- (26) ?? Um belo sempre se penteia para a esquerda.
- (27) \* Belos se penteiam para a esquerda.
- (28) ?? O belo sempre se penteia para a esquerda.
- (29) Os belos sempre se penteiam para a esquerda.
- (30) \* Belo sempre se penteia para a esquerda.

As mesmas séries de enunciados passados para o gênero feminino mantêm a mesma possibilidade de interpretação semântica. Tanto no que concerne a aceitabilidade dos itens <+R> que exercem função <R> livremente

- (31) Uma gorda/Uma velha/ Uma rica sempre se penteia para a esquerda.
- (32) Gordas/velhas/Ricas sempre se penteiam para a esquerda.

(33) A gorda/ A velha/A rica sempre se penteia para a esquerda.

(34) As gordas/ As velhas/As ricas sempre se penteiam para a esquerda.

(35) Gorda/Velha/Rica sempre se penteia para a esquerda.

quanto no que concerne os itens não livres em sua interpretação semântica:

(36) ?? Uma bela sempre se penteia para a esquerda.

(37) \* Belas se penteiam para a esquerda.

(38) ?? A bela sempre se penteia para a esquerda.

(39) As belas sempre se penteiam para a esquerda.

(40) \* Belo sempre se penteia para a esquerda.

Além das diferenças na aceitabilidade do termo como “R”, a variação entre plural ou singular determina modificações na natureza da referência do item lexical. Apenas em (31 – 35) e (39) a sentença é aceitável. Há ainda uma diferença na natureza da referência. Dados os exemplos (41) e (42),

(41) O gordo impressiona qualquer um.

(42) O belo impressiona qualquer um.

percebe-se que a formulação da sentença é idêntica. A aceitabilidade é clara para os dois casos. Mas a natureza de <R>; i.e., a natureza da referência do SN, é diferente. No primeiro caso, o referente é um **ser humano**, <H> e, no segundo, ocorre referência à uma **qualidade abstrata**, <Qa>. São, portanto, duas, as novas questões a serem debatidas:

- Como atribuir função <R> aos itens pesquisados?
- Qual é a natureza de sua referência?

### 3.6. proposta de análise para *belo, bom e alegre* 3.6.1. sobre a escolha das palavras

Antes de me ater às testagens e às análises, gostaria de justificar o porquê da escolha desses três itens lexicais iniciais. Comecei a pesquisa com um universo inicial de cerca de 200 adjetivos listados a partir de escolha aleatória<sup>14</sup> em um dicionário de adjetivos e substantivos (Fernandes, 1957). A partir dessa listagem, estabeleci **dois** grandes **grupos** por critério formal: Um primeiro grupo composto pelos **adjetivos morfologicamente marcados**, supostamente, derivados; e um segundo grupo com **os demais**.

O **primeiro grupo** foi brevemente analisado. Apenas me ocupei em registrar que alguns dos adjetivos “de participio passado” possuem significado específico com potencial semântico <+R, +Q>, como em (43) e (44):

(43) Um rebaixado impressiona mais do que um conversível.

(44) Os rebaixados não têm mais direito a 40% da arrecadação do jogo

o TL, em função <R>, é aqui compreendido como um tipo específico de carro, em (43), ou como equipes de futebol que foram locadas em categoria inferior de uma competição, dados os maus resultados, em (44). Ou ainda em,

(45) Os acusados entraram no tribunal algemados.

(46) Um cozido de galinha com legumes é excelente.

onde, *acusados* e *cozido* são palavras de significado específico. Dada a sua potencialidade semântica <+R,+Q>, esses TLs participios passados podem exercer função <Q>, como em:

(47) Os deputados acusados enfrentarão uma CPI .  
“R” “Q”

(48) O peixe cozido francês é especialidade da casa.  
“R” “Q”

Diria, inicialmente, que os adjetivos “de participio passado” são palavra potencialmente <+R, +Q> e se enquadram dentro dos TLs sem restrição para ocorrerem em função <R>. Por outro lado, há SNs que, constituídos por um único TL de “participio passado”, mantêm a dependência de um ambiente textual anterior para serem aceitos, como em (49) e (50):

---

<sup>14</sup> A escolha aleatória se deu através da listagem do primeiro adjetivo da página selecionada de 3 em 3. Sendo a primeira palavra da página sorteada um substantivo, passa-se para a segunda e assim por diante. No caso de o adjetivo ser nitidamente uma palavra em desuso, esse foi desconsiderado e se listou o seguinte, e assim por diante.

(49) \* **Cortado**<sup>15</sup> fica uma beleza.

(50) \* **Consertado** serve pra alguma coisa.

Outros itens morfologicamente marcados, como *irredutível* e *compreensível*, *invejoso* e *jocosos*, *destoante*, *deslumbrante* não foram analisados.

O **segundo grupo** não possui um traço morfológico marcado. Foi a esse grupo que dediquei as minhas observações. A maior parte dos elementos desse grupo, como mencionei, se enquadra na análise apresentada por Perini *et alii* (1996). Mas, seguindo indicações de pesquisa, reconheci que *belo*, *bom* e *alegre* eram itens potencialmente <+R,+Q>, mas que não podiam ocorrer em função <R> no SN com liberdade. Aparentemente, essas palavras possuem alguns traços semânticos semelhantes; a saber: são características positivas atribuídas a seres humanos. No decorrer dos testes, que aparecerão a seguir, os três tiveram comportamento muito semelhante. Apenas em um dos testes de aceitabilidade se chegou a resultados diferentes. Essa diferença será comentada mais adiante.

### 3.6.2. a função <R> de *belo*, *bom* e *alegre*

Serão testadas no exercício abaixo as condições de atribuição de função <R> para *belo*, *bom* e *alegre*. Vamos considerar a estrutura do SN como:

$SN [(PDet) + (Det) + TL^n]$

Quando o SN é testado em uma sentença, tem-se uma sentença estruturalmente simples, dotada de um único SN, de um sintagma verbal, SV, e seus respectivos componentes comandados

As variações de ambiente linguístico consideradas nos testes ocorrem internamente ao SN e/ou na escolha dos SVs semanticamente diferentes que o acompanham. Foi feita a opção por um SV no tempo presente do indicativo. Há influência do tempo verbal na interpretação do sintagma como anafórico ou não. A variação SV é fundamental para a compreensão da carga sêmica do SN. Mas, como se trata de um aspecto paralelo à investigação, novamente me permiti apenas fazer algumas anotações a esse respeito, apenas com o intuito de não perder a observação.

Dado que meu objetivo é testar os três itens lexicais selecionados, não se faz necessário dispor de estrutura sintagmática com mais um termo livre. Me será suficiente a testagem com um

---

<sup>15</sup> Em conversa, Adriana Nascimento me chamou a atenção para o fato de a expressão *cortados* se referir a um prato feito com abóbora e quiabo, no Norte de Minas e Sul da Bahia; o que a faz aceitável nessa acepção.

único TL compondo o SN. Assim, no SN, haverá sempre e apenas um TL de potência semântica <+R,+Q>. Além disso, inicialmente, vamos montar SNs sem PDet. Este elemento será estudado um pouco mais à frente. Assim, a estrutura terá o formato:

$_{SN} [Det + TL]$

sendo que o TL poderá ser *belo*, *bom* ou *alegre* e respectivas formas plurais e femininas.

Os SNs formados foram avaliados e locados em três grupos:

- Forma plenamente aceitável
- Forma restritamente aceitável
- Forma inaceitável

A análise das três formas supracitadas permitiu a especificação da função <R>. Como será visto, não mais bastará a designação da função referencial como um efeito genérico notado como <R>. No decorrer deste capítulo, haverá um desmembramento da função <R> em ocorrências de referências específicas determinadas pela natureza semântica da referência interpretada.

### 3.6.2.1. formas plenamente aceitáveis

A primeira configuração que apresento trazia o SN com os termos no plural e precedidos por um determinante (Det) do tipo artigo definido:

- (51) Os belos/As belas comem muito pouco.
- (52) Os alegres/As alegres comem muito pouco.
- (53) Os bons/As boas comem muito pouco.
- (54) Os belos/As belas merecem cuidados.
- (55) Os alegres/As alegres merecem cuidados.
- (56) Os bons/As boas merecem cuidados.
- (57) Os belos/As belas têm valor
- (58) Os alegres/As alegres têm valor
- (59) Os bons/As boas têm valor

Considerando uma situação de início de enunciado, todos os exemplos são aceitáveis. A aceitabilidade do SN significa que os TLs, no plural, desempenham função <R>. Isso significa dizer que lhes é atribuída uma referência semântica sem dificuldade de interpretação. Uma vez

atribuída a função <R> aos itens lexicais testados, cabe a avaliação da natureza dessa referência. *Os belos, os alegres e os bons*, e respectivas formas femininas, dadas as condições deste primeiro experimento, têm aceção humana, traço <H>; i.e., se referem a seres humanos. Considerando os exemplos (51) a (59), percebemos que automaticamente, digamos, se atribui aceção <H> ao sintagma, mesmo sem haver pistas semânticas que nos levassem a tal interpretação. Já se tem assim uma primeira observação sobre o desdobramento de <R> em subclasses referenciais específicas e distintas.

Vejamos agora como se comportam se modificarmos a natureza semântica do SV. Ao serem dispostos na posição de sujeito, os SNs serão aceitos ou não aceitos de acordo com a sua relação como o SV que os segue. Há uma avaliação semântica da sentença formada de acordo com a relação entre o SN, fixo, e os SVs propostos. Esse processo de seleção semântica comporta três tipos de ocorrência:

- **Primeiro:** A sentença não é aceitável por princípio de coerência semântica. Salvo em interpretação metafórica. Nota-se que (60-62) são enunciados inaceitáveis.

(60) \* Os belos são potes de iogurte na estante da casa da vizinha.

(61) \* Os alegres são potes de iogurte na estante da casa da vizinha.

(62) \* Os bons são potes de iogurte na estante da casa da vizinha.

- **Segundo:** O ambiente definido pelo SV é nitidamente <+H>. O SV possui, nestes exemplos, necessariamente, interpretação de atributo humano. Assim, aos SNs abaixo, mesmo que haja alguma ressalva para as formas femininas em (63) e (65), só é possível atribuir papel semântico <+H>:

(63) Os belos/ As belas se preocupam com a aparência.

(64) Os alegres / ? As alegres pararam de fazer terapia há pelo menos 2 anos.

(65) Os bons / ? As boas não mexem com linguística.

Vamos observar o seguinte: nas duas situações propostas até agora, a avaliação de aceitabilidade ou não da sentença segue pistas explícitas do SV subsequente ao SN. Mas no próximo tipo de ambiente, o de número três, isso não ocorre. O SV que acompanha o SN não oferece pistas sobre o que semanticamente lhe seria apropriado.

- **Terceiro:** São ambientes linguísticos que não restringem o termo de função <R> a atividades ou situações necessariamente humanas. Mesmo assim, automaticamente se atribui aceção <H> ao item em função <R>:

(66) Os belos/ As belas respiram calmamente

(67) Os alegres / As alegres chegam sempre ao meio-dia.

(68) Os bons / As boas vivem no Brasil

(69) Os belos / As belas não merecem cuidado.

(70) Os alegres / As alegres não merecem cuidado.

(71) Os bons / As boas não merecem cuidado.

ou seja; em (66<sup>b</sup> - 66<sup>d</sup>), por exemplo, o SV *respiram calmamente* se adequaria a várias entidades vivas.

(66<sup>b</sup>) Os cães respiram calmamente

(66<sup>c</sup>) As tartarugas respiram calmamente

(66<sup>d</sup>) Os camelos respiram calmamente

Na série de exemplos (66-71), não se exprime explicitamente a qual entidade se faz referência, mas a interpretação que se faz é de natureza <H>.

Até agora, os itens estudados não desempenham função <R> de forma livre e inespecífica. Em primeiro lugar, há condições morfossintáticas determinativas para possibilitar a interpretação de função <R> em *belo*, *bom* e *alegre*. Isto é, *bom*, *belo* e *alegre* são esquematicamente itens lexicais: <+R>, dado o ambiente /Os \_\_\_\_\_, As \_\_\_\_\_/. Além disso, os itens lexicais analisados serão interpretados como <+H>, ou seja, referência de aceção humana, salvo se houver um SV que impeça tal interpretação, como ocorre nas sentenças abaixo:

(72) \* Os belos / \* As belas possuem patas grandes.

(73) \* Os alegres / \* As alegres possuem patas grandes.

(74) \* Os bons / \* As boas possuem patas grandes.

Me parece interessante comparar esta descrição com a que Perini *et alii* propõem. Para estes autores, haveria palavras como *gordo* e *celular* com potencialidade semântica <+R, +Q> sem qualquer restrição morfossintática ou especificação da natureza da referência interpretada. *Gordo* e *celular*, segundo Perini *et alii*, funcionariam da mesma forma que funcionam os demais

itens nominais. O que observei é que há uma configuração morfossintática determinativa para todos os itens nominais e que há uma especificidade na natureza da referência. É certo que *gordo* pode ser interpretado como “R” nos ambientes de SN no singular, no plural antecedido por um determinante ou não. Vale observar novamente a primeira lista de exemplos apresentada na **Introdução** da dissertação:

- (1) Um(a) gordo(a) sempre se penteia para a esquerda.
- (2) Gordos(as) sempre se penteiam para a esquerda.
- (3) O(A) gordo(a) sempre se penteia para a esquerda.
- (4) Os(As) gordos(as) sempre se penteiam para a esquerda.
- (5) Gordo(a) sempre se penteia par a esquerda.
- (6) Uns (Umas) gordos(as) sempre se penteiam para a esquerda.

Mas no lugar de se dizer que não há restrições morfossintáticas, mais vale dizer que é possível interpretar *gordo* em função <R> nos ambientes exemplificados que, nesse caso, são todos os ambientes formais imaginados. O interessante desse comentário é reconhecer não apenas que o ambiente formal interfere na aceitabilidade do SN, como também interfere na atribuição da natureza semântica a seu núcleo. Especificamente para *gordo*, esse efeito semântico especificado pelos parâmetros da dissertação, não ocorre.

Mas há exemplos diferentes.

Primeiro vamos testar a especificidade da potencialidade semântica dos itens nominais.

Introduzi o item lexical *celular*, que é em Perini *et alii*, descrito como <+R, +Q>, para poder comparar os itens potencialmente <+R>, sem especificar sua natureza, e os itens potencialmente <+R>, de traço H, que passo a designar diretamente como itens potencialmente de traço <+H>.

- (75) \* O celular se penteia para a esquerda.
- (76) \* Os celulares se penteiam para a esquerda.
- (77) \* Celulares se penteiam para a esquerda.
- (78) \* Um celular se penteia para a esquerda.
- (79) \* Uns celulares se penteiam para a esquerda.

De um ponto de vista estritamente sintático, os enunciados (1)-(6) e (75)-(79) são bem formados. Mas apenas (1) a (6) são aceitáveis. A diferença de aceitabilidade dos exemplos vem das potencialidades semânticas específicas de *gordo* e de *celular*. Os dois itens são livres quanto às restrições mórficas, uma vez que nos ambientes formais testados aceitaram a função

<R>. Mas, como pode se verificar nos exemplos (1)-(6) e (75) a (79), possuem restrições semânticas diferentes; o que determina a (in)aceitabilidade do enunciado. Esquemáticamente:

- *gordo* ocorre em função <R> nos ambientes formais /O\_\_\_, Os \_\_\_\_, Um \_\_\_\_, Uns \_\_\_\_, A \_\_\_\_, As \_\_\_\_, Uma \_\_\_\_, Umas \_\_\_/ ou sem qualquer determinante. A natureza da função <R> será sempre <H>, e o enunciado só será aceitável se o ambiente oferecido pelo SV for compatível com a natureza <+H> da palavra.
- *celular* ocorre em função <R> nos ambientes formais /O\_\_\_, Os \_\_\_\_, Um \_\_\_\_, Uns \_\_\_\_, A \_\_\_\_, As \_\_\_\_, Uma \_\_\_\_, Umas \_\_\_/ ou sem qualquer determinante. A natureza da função <R> será sempre <-H>, e o enunciado só será aceitável se o ambiente oferecido pelo SV for compatível com a natureza <-H> da palavra.

E se examinarmos agora *belo*, *bom* e *alegre*?

Considerando apenas a ocorrência em ambientes formais /Os \_\_\_\_, As \_\_\_ /, conforme está exemplificado em (63)-(65) e em (66)-(71), observamos que ocorre aceitabilidade dos enunciados. Além disso, é atribuída ao sintagma a referência semântica de natureza <H>. Assim, podemos apresentar a análise de *belo*, *bom* e *alegre* esquematicamente como:

- *belo*, *bom* e *alegre* ocorrem em função <R> nos ambientes formais /Os \_\_\_\_, As \_\_\_ / A natureza da função <R> será sempre <H>, e o enunciado só será aceitável se o ambiente oferecido pelo SV for compatível for compatível com a natureza <+H> da palavra<sup>16</sup>.

Por aqui encerro a análise das ocorrências plenamente aceitáveis para os itens estudados. Os comentários que foram aqui feitos serão mais adiante sintetizados para se estabelecerem as categorias lexicais.

### 3.6.2.2. formas inaceitáveis

A configuração da seção anterior traz o SN com os termos no plural e precedidos por um determinante do tipo artigo definido. Conservando-se o sintagma no plural e retirando-se o determinante da estrutura, ocorre alteração na atribuição de função <R> no sintagma. Eles se tornam inaceitáveis, ou, pelo menos, de difícil aceitabilidade:

---

<sup>16</sup> (72 - 74) são exemplos que indicam a inaceitabilidade do enunciado se houver um SV incompatível semanticamente com o traço <H>.

- (80) ?? Belos/Belas comem muito pouco.
- (81) ?? Alegres/Alegres comem muito pouco.
- (82) ?? Bons/Boas comem muito pouco.
- (83) ?? Belos/Belas merecem cuidados.
- (84) ?? Alegres/Alegres merecem cuidados.
- (85) ?? Bons/Boas merecem cuidados.
- (86) ?? Belos/Belas têm valor
- (87) ?? Alegres/Alegres têm valor
- (88) ?? Bons/Boas têm valor

Mantida a exclusão do Det, e se os SNs forem passados para o singular; tornam-se sem dúvida alguma inaceitáveis:

- (89) \* Belo/Bela come muito pouco.
- (90) \* Alegre/Alegre come muito pouco.
- (91) \* Bom/Boa come muito pouco.
- (92) \* Belo/Bela merece cuidados.
- (93) \* Alegre/Alegre merece cuidados.
- (94) \* Bom/Boa merece cuidados.
- (95) \* Belo/Bela tem valor
- (96) \* Alegre/Alegre tem valor
- (97) \* Bom/Boa tem valor

Essas observações comprovam a restrição proposta na seção anterior, segundo a qual a atribuição de função <R> a *belo*, *bom* e *alegre* define-se pela presença do Det na estrutura do SN.

### **3.6.2.3. formas restritamente aceitáveis**

As variações que apresento nesta parte da pesquisa levaram-me a locar os TLs estudados *belo* e *bom* em um grupo; e *alegre* em um outro grupo. Nos ambientes formais que apresento a seguir, ocorre variação na natureza de “R” para *belo* e *bom*. *Alegre*, no ambiente proposto para *belo* e *bom*, torna-se inaceitável; daí, o título “restritamente aceitáveis”.

### 3.6.2.3.1. mudando o tipo de determinante: artigo definido para artigo indefinido - mudança na aceitabilidade dos SNs

Em função de variações formais, os TLs estudados *belo* e *bom*, como já disse, foram locados em um grupo, e *alegre* em um outro grupo como será descrito mais adiante (cf. 3.6.2.3.2). A primeira variação que apresento concerne o tipo de determinante. Até agora, *belo*, *bom* e *alegre* foram antecidos por um artigo do tipo definido. Ao substituí-lo por outro artigo, observam-se novas interpretações.

Vimos que os SNs estudados são plenamente aceitáveis se aparecem no plural e com um Det tipo artigo definido. A variação desta seção concerne a testagem de um Det tipo artigo indefinido no plural e no singular. Na série de exemplos abaixo, os SNs com o Det tipo indefinido no singular me parecem inaceitáveis ou, pelo menos, de difícil aceitabilidade:

(98) ? Um belo come muito pouco.

(99) ?? Um alegre come muito pouco.

(100) ?? Um bom come muito pouco.

(101) ?? Um belo merece cuidados.

(102) ?? Um alegre merece cuidados.

(103) ?? Um bom merece cuidados.

(104) ?? Um belo tem valor.

(105) ?? Um alegre tem valor .

(106) ?? Um bom tem valor.

(107) ?? Uma bela come muito pouco.

(108) ?? Uma alegre come muito pouco.

(109) ?? Uma boa come muito pouco.

(110) ?? Uma bela merece cuidados.

(111) ?? Uma alegre merece cuidados.

(112) ?? Uma boa merece cuidados.

(113) ?? Uma bela tem valor.

(114) ?? Uma alegre tem valor .

(115) ?? Uma boa tem valor.

(116) ?? Uma boa tem valor.

Mantém-se a avaliação de aceitabilidade para os mesmos exemplos no plural:

(117) ?? Uns belos comem muito pouco.

(118) ?? Uns alegres comem muito pouco.

(119) ?? Uns bons comem muito pouco.

(120) ?? Uns belos merecem cuidados.

(121) ?? Uns alegres merecem cuidados.

(122) ?? Uns bons merecem cuidados.

(123) ?? Uns belos têm valor.

(124) ?? Uns alegres têm valor .

(125) ?? Uns bons têm valor.

(126) ?? Umas bela comem muito pouco.

(127) ?? Umas alegres comem muito pouco.

(128) ?? Umas boa comem muito pouco.

(129) ?? Umas bela merecem cuidados.

(130) ?? Umas alegres merecem cuidados.

(131) ?? Umas boa merecem cuidados.

(132) ?? Umas bela têm valor.

(133) ?? Umas alegres têm valor .

(134) ?? Umas boa têm valor.

Por que se tornam inaceitáveis ou, pelo menos, de difícil aceitabilidade? Para essa questão, creio que já se tem uma resposta apresentada nesta dissertação; a saber: o fato de *bom*, *belo* e *alegre* não poderem exercer função <R> em todos os ambientes. Esse itens

possuem particularidades semânticas que lhes impõem a exigência de ambientes morfossintáticos específicos para serem interpretados como “R”.

Até aqui, portanto não separei os itens estudados em grupos distintos. O que permite tal separação é um ambiente formal restrito que permite a interpretação de *belo* e *bom* como “R”, mas não aceita *alegre*, como será mostrado a seguir.

### 3.6.2.3.2. mudando o número do SN: plural para singular - mudança na natureza semântica de <R>

*Bom*, *belo* e *alegre* são atributos humanos “comumente aceitos como tal”; são, portanto, itens lexicais de traço potencial semântico <+H> que se realiza, de forma plena, dadas certas condições formais; a saber: a presença dos ambientes /Os \_\_\_/ e /As \_\_\_/. Até aqui, como disse, os três itens estão juntos. Mas há uma diferença de potencialidade semântica entre eles que se evidencia na testagem\* abaixo.

- (1) O belo me agrada.
- (2) O bom me agrada.
- (3) \* O alegre me agrada.

Os três foram locados em um SN com artigo definido no singular desta vez. Para os dois primeiros, a aceitabilidade é evidente. Estipulando a sua ocorrência como iniciadores de enunciado, a atribuição de função <R> se faz automaticamente; ou seja, *belo* e *bom* ocupam função <R>. Não se trata mais de valor semântico <+H>, mas de um valor semântico diferente. Para ser mais específico, *belo* e *bom*, em (1) e (2), desempenham a função semântica de uma **qualidade abstrata**, notada como “Qa”<sup>17</sup>. Essas duas palavras possuem uma carga semântica equivalente a *beleza* e *bondade*. Ou seja,

- *belo* e *bom* ocorrem em função <R> nos ambientes formais /Os \_\_\_/ e /As \_\_\_/.
- A natureza da função <R> será sempre <+H> e o enunciado só será aceitável se o ambiente oferecido pelo SV for compatível. No ambiente formal /O\_\_\_/, *belo* e *bom* serão interpretados como itens <R> de natureza <+Qa>. *Bom* e *belo* são palavras que possuem, portanto, potencialidade semântica referencial <+H, + Qa>

---

\***ATENÇÃO:** Como há um volume grande de exemplos, recomeço a lista para facilitar o acompanhamento dos dados.

<sup>17</sup> Os exemplos (1) e (2) poderiam ser interpretados em função <H> na presença de um contexto textual ou extra-textual anterior, mas, como disse antes, não estou considerando usos anafóricos.

Por outro lado, com um SN de forma semelhante e posto no mesmo ambiente /O \_\_/, *alegre* torna-se inaceitável, como mostra (3).

(3) \* O alegre me agrada.

Em (3) a interpretação “R” de natureza <+H> não é possível. O sintagma torna-se inaceitável. *Alegre*, portanto, possui uma particularidade semântica. A partir deste experimento, pude estabelecer um grupo, digamos, do tipo *alegre*. É um conjunto restrito de palavras potencialmente <+R,+Q> que aceitam a função <R>, dadas certas condições formais específicas, mas que não desempenham função referencial de natureza <Qa> como *belo* e *bom* o fazem. Ou seja,

- *alegre* ocorre em função <R> nos ambientes formais /Os \_\_/ e /As \_\_/. A natureza da função “R” será sempre <+H> e o enunciado só será aceitável se o ambiente oferecido pelo SV for compatível. No ambiente formal /O\_\_/, não é aceitável. *Alegre* é uma palavra que possui a potencialidade semântica de referência <+H, - Qa>

Os itens lexicais *feliz*, *contente* e *triste* se comportam como *alegre*. Aceitam “R” dadas condições formais específicas, como se observa em (4) a (8):

- (4) \* Um feliz / \* Um contente sempre se penteia para a esquerda.  
(5) \* Felizes / \* Tristes sempre se penteiam para a esquerda.  
(6) \* O feliz / \* O contente sempre se penteia para a esquerda.  
(7) ?? Os felizes / ?? Os contentes sempre se penteiam para a esquerda.  
(8) \* Feliz / \* Triste sempre se penteia para a esquerda.

E nas respectivas formas femininas:

- (9) \* A alegre me agrada.  
(10) \* Uma feliz / \*Uma contente sempre se penteia para a esquerda.  
(11) \* Felizes / \* Tristes sempre se penteiam para a esquerda.  
(12) \* Feliz / \*Contente sempre se penteia para a esquerda.  
(13) \* As felizes / \*As contentes sempre se penteiam para a esquerda.  
(14) \* Feliz / \*Triste sempre se penteia para a esquerda.

E não desempenham “R” de natureza <Qa>:

- (15) \* O feliz me agrada.  
(16) \* O contente me agrada.

A este grupo acrescentaria, preliminarmente, já que não foi objeto de minha pesquisa, uma parcela dos TLs morfológicamente marcados por sufixos.

- (17) \* Um(a) agradável / \*Um saudável sempre se penteia para a esquerda.  
(18) \* Agradáveis / \* Saudáveis sempre se penteiam para a esquerda.  
(19) \* O agradável / \* O saudável sempre se penteia para a esquerda.  
(20) \* Os (As) agradáveis / \* Os saudáveis sempre se penteiam para a esquerda.  
(21) \* Uns agradáveis / \* Uns saudáveis sempre se penteiam para a esquerda.  
(22) \* Agradável / \* Saudável sempre se penteia para a esquerda.

E ainda,

- (23) \* O agradável me agrada.  
(24) \* O saudável me agrada.

### **3.6.2.3.3. mudança no traço semântico <R> traços semânticos mais específicos**

Creio que não é exagerado concluir que o traço <+/-R> é insuficiente na designação da potencialidade semântica dos itens nominais. Fica mais claro e rigoroso se o desdobrarmos nos traços <+/- H.>, <+/- Qa> e se legarmos ao traço <+/- R> uma noção de referência não específica. Abandono o traço <+/-R> e proponho que se utilizem os traços <+/- H>, <+/- Qa> e <+/- NE>, sendo essa última para o caso de se ter a potencialidade de referência sem especificidade reconhecida. <NE> se refere a um conjunto de papéis referenciais que poderão, pressuponho, ser mais bem especificados em pesquisas futuras. Com essa nova nomenclatura, ao símbolo <R> deve-se associar a idéia de referência genérica.

A função <R>, posto que susceptível de especificações, passa a ser designada como função <G>; ou seja: genérica. A função <G> engloba, portanto, as suas especificações ou desdobramentos: <H>, <Qa> e <NE>. Passo a descrever os itens lexicais no que concerne suas potencialidades semânticas seguindo os traços desdobrados. Esquemáticamente:

**belo é <+H>**

ou seja, à palavra *belo*, se em função <R>, será associada à idéia de <H> ou de <Qa>.

**alegre** é <+H, +Q,>

Para *alegre*, pode-se dizer que, se exercer função de referência, será associada à idéia de <H>. E ainda, com um outro exemplo:

**amarelo** é <+H, +NE,>

ou seja, à palavra *amarelo*, se em função <R> no enunciado, será associada a idéia de <H> ou de <NE>. E assim por diante.

Para se ter uma descrição precisa das condições para a ocorrência de referência, devem-se acrescentar as exigências morfossintáticas para a realização da referência em suas acepções distintas, <H>, <Qa> ou não específica <+NE>. Temos então que:

- *Bom* e *belo* são palavras que possuem a potencialidade semântica de referência <+H, + Qa >.Ocorrem em função <H> nos ambientes formais /Os \_\_\_/ e /As \_\_\_/. No ambiente formal /O \_\_\_/, serão interpretados como itens em função <Qa> que só será aceitável se o ambiente oferecido pelo SV for compatível.
- *Alegre* é uma palavra que possui a potencialidade semântica de referência <+H>. Ocorre em função <H> nos ambientes formais /Os \_\_\_ / e /As \_\_\_ /. A função <H> será aceitável se o ambiente oferecido pelo SV for compatível. No ambiente formal / O \_\_\_ /, não é aceitável.

Comparativamente:

- *Celular* é uma palavra que possui a potencialidade semântica de referência <+NE>. Ocorre em função <NE> nos ambientes formais /O\_\_\_ /, /Os \_\_\_/, /Um \_\_\_/, /Uns \_/, /A \_\_\_ /, /As \_\_\_ /, /Uma \_\_\_/, /Umas \_\_\_ /. ou sem qualquer determinante e só será aceitável se o ambiente oferecido pelo SV for compatível.

E ainda,

- *Amarelo* é uma palavra que possui a potencialidade semântica de referência <+H, +NE> Ocorre em função <H> nos ambientes formais /Os \_\_\_/ e /As \_\_\_/. A função "H" será aceitável se o ambiente oferecido pelo SV for compatível. No ambiente

formal / O \_\_\_\_ / é interpretado em função <NE>, se o ambiente oferecido pelo SV for compatível.

Esta descrição final reforça ainda mais a idéia de se abandonarem as classes formais, conforme apregoa a gramática tradicional. O item lexical dentro do SN exerce funções semânticas determinadas pela sua potencialidade semântica específica, que pode ser descrita pelos traços de referência <NE><sup>18</sup>, <Qa> e <H>, e o traço de qualificação <Q><sup>19</sup>, em função das condições morfossintáticas, como presença (ou ausência) de determinante, gênero (masculino ou feminino) e número (plural ou singular) do SN. Estabeleço, assim, um complexo de descrição com duas entradas; são elas:

- **as condições semânticas:** reconhecimento dos traços semânticos potenciais qualificativo, <+/-Q> e referencial <+/-R>, sendo que esse último é agora especificado como <+NE>, <+ H> ou <+Qa>, e
- **as condições morfossintáticas:** reconhecimento da influência do gênero, do número e da estrutura do sintagma, a saber, presença ou ausência de Det do tipo definido ou Det do tipo indefinido.

### 3.6.3. tabulação das variáveis

Reuni as duas entradas do complexo explicativo na **tabela 1** que se segue. O objetivo é observar paralelamente os aspectos formais estudados e o resultado de referência que se interpreta. Nas colunas à esquerda, sem sombreamento, encontram-se as variações formais possíveis:

- M e F indicam os gêneros masculino e feminino
- Pl e Sing, o número, plural ou singular;
- DetDef e DetInd, o tipo de Determinante, definido e indefinido.

---

<sup>18</sup> Lembro que o traço semântico <NE> representa outros tipos de função referencial que não <H> ou <Qa>.

<sup>19</sup> Creio que é possível se criarem traços específicos para o conjunto dos termos em função <Q>. A distinção proposta por Liberato (1997) já pode ser considerada com especificação dos traços semânticos potenciais. Há outras propostas de classificação de palavras que exercem função <Q>. A título de registro, cito Borges (1991) ou Lobato (1993).

Nas colunas da direita da tabela, destacadas com o sombreamento cinza, aparece o resultado de referência. REF indica que o item analisado **pode** exercer a natureza de referência especificado dadas as condições morfossintáticas apresentadas nas colunas sem sombreamento. REF aparecerá indicando o tipo específico de referência possível, sendo que:

- <+H> indica a natureza humana do SN;
- <+Qa> qualidade abstrata e
- <+NE> uma referência não específica

Segue-se, sempre, a mesma ordem de variação: parte-se do item lexical na forma inicial, no gênero masculino e singular e se promovem as variações de número e determinante. Em seguida se promovem as mesmas variações para os itens no gênero feminino.

**Tabela 1:** cruzamento dos traços formais com as possibilidades de interpretação semântica resultante

	M	F	Pl	Sing	DetDef	DetInd	+ H	+ Qa	+NE
1. Gordo	X			X			REF		
2. O gordo	X			X	X		REF		
3. Um gordo	X			X		X	REF		
4. Uns gordos	X		X			X	REF		
5. Gordos	X		X				REF		
6. Os gordos	X		X		X		REF		
7. Gorda		X		X			REF		
8. A gorda		X		X	X		REF		
9. Uma gorda		X		X		X	REF		
10. Umas gordas		X	X			X	REF		
11. Gordas		X	X				REF		
12. As gordas		X	X		X		REF		
13. Belo	X			X			?		
14. O belo	X			X	X			REF	
15. Um belo	X			X	X				
16. Uns belos	X			X		X			
17. Belos	X		X				?		
18. Os belos	X		X		X		REF		
19. Bela		X		X					
20. A bela		X		X	X				
21. Uma bela		X		X		X			
22. Belas		X	X						
23. As belas		X	X		X		REF		
24. Alegre	X			X					
25. O alegre	X			X	X				
26. Um alegre	X			X		X			
27. Uns alegres									
28. Alegres	X		X						
29. Os alegres	X		X		X		REF		
30. Alegre		?		X					
31. A alegre		X		X	X				
32. Uma alegre		X		X		X			
33. Umas alegres									
34. Alegres		?	X				?		
35. As alegres		X	X		X		REF		

36. Bom	X			X					
37. O bom	X			X	X			REF	
38. Um bom	X			X		X			
39. Uns bons									
40. Bons	X		X					REF	
41. Os bons	X		X		X			REF	
42. Boa		X		X					
43. A boa		X		X	X				REF
44. Uma boa		X		X		X			REF
45. Umas boas									
46. Boas		X	X						
47. As boas		X	X		X			REF	
48. Amarelo	X			X					REF
49. O amarelo	X			X	X				REF
50. Um amarelo	X			X		X			REF
51. Uns amarelos									
52. Amarelos	X		X						REF
53. Os amarelos	X		X		X			REF	
54. Amarela		X		X					
55. A amarela		X		X	X				
56. Uma amarela		X		X		X			
57. Amarelas		X	X						
58. As amarelas		X	X		X			REF	

**Tabela 2:** continuação

### 3.6.4. como ler a tabela nº 1

Considerando *gordo*, por exemplo, pode-se dizer que se se incluírem as variações possíveis de gênero, número e determinante, têm-se 10 formas distintas com as respectivas possibilidades de interpretação semântica:

	M	F	PI	Sing	DetDef	DetInd	+ H	+ Qa	+NE
1. Gordo	X			X			REF		
2. O gordo	X			X	X		REF		
3. Um gordo	X			X		X	REF		
4. Uns gordos	X		X			X	REF		
5. Gordos	X		X				REF		
6. Os gordos	X		X		X		REF		
7. Gorda		X		X			REF		
8. A gorda		X		X	X		REF		
9. Uma gorda									
10. Umas gordas		X	X			X	REF		
11. Gordas		X	X				REF		
12. As gordas		X	X		X		REF		

**Tabela 1:** amostra

*Gordo* em uma configuração formal de gênero masculino, número singular e sem determinante, como aparece descrito na linha 1, pode ser interpretado como em função <H>.

Mantidas as condições de número e gênero, *gordo*, agora, antecedido por determinante definido, logo o *gordo*, como aparece a descrição na linha 2, mantém a potencialidade semântica <+H>. Se variar o gênero e as demais restrições formais mantém-se como um item lexical de potencialidade semântica <+H>. Dado que não há restrições formais para a interpretação de função “H”, *gordo* se descreve como:

---

**GORDO**

Exerce função <H>

Não exerce função referencial de natureza <Qa> ou <NE>

---

Podemos incluir na descrição semântica da palavra o fato de *gordo* ser potencialmente <+Q>. *Gordo* pode exercer função qualificativa desde que haja no SN no qual este se encontre outra palavra, como núcleo do SN, que exerça a função <H>. Assim, *gordo* funciona da seguinte forma:

---

**GORDO**

Exerce função <H>.

Não exerce função referencial de natureza <Qa> ou <NE>

Exerce função <Q>, se e somente se não for o núcleo do SN.

---

Para *belo*, ocorrem modificações na potencialidades semânticas em função das variações formais:

	M	F	PI	Sing	DetDef	DetInd	+ H	+ Qa	+NE
13. Belo	X			X					
14. O belo	X			X	X			REF	
15. Um belo	X			X		X			
16. Uns belos	X		X			X			
17. Belos	X		X						
18. Os belos	X		X		X		REF		
19. Bela		X		X					
20. A bela		X		X	X				
21. Uma bela		X		X		X			
22. Umas belas		X	X			X			
23. Belas		X	X						
24. As belas		X	X		X		REF		

**Tabela 1:** amostra

Para o gênero masculino, linhas 13 a 18, a presença do determinante definido faz com que ocorra possibilidade de referência em 14 e 18, sendo que o número modifica a sua natureza. No plural, os *belos*, a interpretação da referência tem acepção <H>. No singular, o *belo*, a acepção semântica é de natureza <Qa>. As demais ocorrências, linhas 19 a 24, são marcadas pelo gênero feminino. Não há interpretação possível de <Qa>. Apenas referência do tipo <H> é possível de se reconhecer e segue as mesmas condições formais do gênero masculino, i.e.; no

plural e com determinante do tipo definido, como aparece indicado na linha 24 dessa amostra da tabela 1. Em nenhum caso ocorre possibilidade de interpretação referencial de natureza <NE>. No que concerne o traço de <Q>, *belo* segue o mesmo princípio de *gordo*: apenas poderá exercer a função semântica <Q> se houver no SN outro termo em função <R>, i.e., se não for o núcleo do SN. Pode-se, portanto, descrever o funcionamento de *belo* como:

---

**BELO**

Exerce função <R> de natureza...

<+H>, se e somente se: [+plural] e [+ DetDef]

<+Qa>, se e somente se: [- plural], [+DetDef] e [+M]

Exerce função <Q>, se e somente se não for o núcleo do SN.

---

O último exemplo que analiso é *amarelo*. A tabela traz a seguinte configuração formal e resultado semântico:

	M	F	PI	Sing	DetDef	DetInd	+ H	+ Qa	+NE
41. Amarelo	X			X					REF
42. O amarelo	X			X	X				REF
43. Um amarelo	X			X		X			REF
44. Amarelos	X		X						REF
45. Os amarelos	X		X		X		REF		REF
46. Amarela		X		X					
47. A amarela		X		X	X				
48. Uma amarela		X		X		X			
49. Amarelas		X	X						
50. As amarelas		X	X		X		REF		

**Tabela 1:** amostra

*Amarelo* não exerce função referencial se vier marcado com o gênero feminino. Levantei apenas suspeita de se ter uma função referencial em (50), se a palavra foi antecedida por um determinante definido. Nesse caso, a expressão *as amarelas* talvez possa ser interpretada em função “H” como referente a ‘mulheres orientais’. Indiquei essa possibilidade com uma interrogação, porque se faz necessária uma ginástica mental significativa para tal interpretação. Me parece aceitável a interpretação de *os amarelos* em função “H”, relativamente a homens orientais. Tem-se, portanto, já um traço mórfico que inibe a ocorrência de função referencial de natureza <H> para essa palavra. Para *amarelo*, observa-se que ocorre função referencial de naturezas distintas: <H> ou <NE>, de acordo com os traços mórficos relacionados. Assim,

---

**AMARELO**

exerce função <R> de natureza...

<+H>, se e somente se: [+plural], [+ DetDef] e [+M]

<+NE>, se e somente se [+M]

Exerce função <+Q>, se e somente se não for núcleo do SN

---

E assim por diante.

### 3.6.5. a taxonomia

Finalmente, me permito apresentar a proposta da nova taxonomia dos itens nominais. Para montar esta taxonomia será necessário organizar os traços que distinguem os itens lexicais. Organizei-os em três grupos:

- **Traços formais:** apresentar marcação, ou valor sem marcação, de gênero e número. Esses traços são necessários para se definir o grupo nominal. Como a análise proposta se restringe aos itens lexicais nominais, os traços formais são comuns a todos os elementos estudados;
- **Potencialidades Semânticas:** em termos genéricos, os itens nominais potencialmente podem desempenhar as funções semânticas <Q>, qualificativo, e <R>, referencial. A função <Q> será considerada apenas em seu aspecto amplo, sem distinção de diferentes categorias semânticas, como “ser elogiativo”, “ser cor” etc, que podem ser supostas mas não foram estudadas nesta dissertação. A outra função semântica é a referência, <R>. À referência, notada com <G> para a função genérica, foram atribuídas as especificações <NE>, <Qa> e <H> para designar, respectivamente, função referencial ainda não especificada, qualidade abstrata e referência humana,
- **Condições Morfossintáticas:** os traços mórficos são dois: as variações de número e gênero. Os traços sintáticos igualmente dois: a presença ou ausência de um determinante e o tipo, definido ou indefinido, desse determinante.

Vale destacar que há diferenças entre o que chamei de **traços formais** e **condições morfossintáticas**. No primeiro caso, são aspectos das palavras que as incluem ou excluem da grande classe lexical nominal. A palavra *almoçou*, por exemplo, como não possui marcação de gênero tampouco de número-nominal, não é incluída na categoria itens lexicais nominais.

Já as condições morfossintáticas ocorrem em todos os elementos da classe lexical estudada. São as variações que podem ocorrer com as palavras que “passaram no crivo de entrada” da categoria nominal.

Esses três grupos de traços foram cruzados na **tabela 2** para se chegar ao **resultado semântico**. O resultado semântico é a função semântica que o item pode exercer após passar pela filtragem formal e morfossintática; isto é, especificam-se quais funções semânticas pode exercer uma palavra considerando-se a sua potencialidade semântica inicial e as condições morfossintáticas às quais está submetida. Desta forma, explicita-se o **complexo de traços** que resulta na **ocorrência de referência** da palavra, que pode ser <+/- Q> ou <+/-G>, em suas naturezas diferentes <H>, <Qa> e <NE>.

As categorias que possuem mais de uma natureza de referência descrita exigem, logicamente, coerência semântica com o SV dominado pelo SN. Em outros termos, a predicação interna do SV (V + complemento) deve ser coerente com a expectativa de significado do SN.

Sentenças construídas a partir de elementos da categoria 3, por exemplo, que comporta traços semânticos potenciais <+NE> e <+H>, exigem um SV compatível com a palavra em função <NE> ou em função <H>.

Dos exemplos que se seguem abaixo, observemos que os números ímpares não obedecem à coerência entre SN, cujo núcleo é a palavra que exerce função <G> de acordo com uma das possibilidades semânticas possíveis, e o SV que segue essa especificação semântica. Nos exemplos pares ocorre coerência e, portanto, a aceitabilidade do enunciado:

(25) \* s<sub>[SN]</sub> [Os pretos sv [estão na moda.]]

“H” <+ NE>

(26) s<sub>[SN]</sub> [Os pretos sv [usam gel no cabelo]]

“H” <+ H>

(27) \* s<sub>[SN]</sub> [Os azuis sv [usam gel no cabelo.]]

“NE” <+ H>

(28) s<sub>[SN]</sub> [Os azuis sv [estão na moda.]]

“NE” <+ NE>

Exemplos Estudados	<i>gordo</i>	<i>belo</i>		<i>amarelo</i>			<i>Alegre</i>	
<b>Potencialidades Semânticas Genéricas</b>	+G +Q	+G +Q		+G +Q			+G +Q	
<b>Condições Mórficas para a Ocorrência de Referência</b>	Condições observadas não restringem	- Plural + DetDef + M	+ Plural + DetDef + M ou + F	+ Plural + DetDef + M + F	condições observadas não restringem	condições observadas não restringem	+ plural + DetDef + M ou + F	
<b>Natureza Específica De &lt;G&gt;</b>	+H	+Qa	+H	+H	+NE	+NE	+H	
<b>Outros Possíveis Elementos Da Categoria</b>	<i>Feio</i> <i>Magro</i> <i>Sujo</i> <i>Chato</i> <i>Engraçado</i> <i>Louco</i>	<i>Bom</i> <i>Velho</i>		<i>Verde</i> <i>Preto</i> <i>Branco</i>	<i>Verde</i> <i>Preto</i> <i>Branco</i>	<i>Roxo</i> <i>Cinza</i> <i>Violeta</i> <i>Azul</i>	<i>Feliz</i> <i>Triste</i>	
<b>Categorias</b>	<b>1</b>	<b>2</b>		<b>3</b>			<b>4</b>	<b>5</b>

Tabela 2: categorias lexicais nominais - cruzamento dos traços mórficos com as potencialidade semânticas

Ao todo são sete categorias. As cinco primeiras estão apresentadas na **tabela 2**. As outras duas, como será explicado, estão na **tabela 3**. As colunas, designando as categorias lexicais, foram preenchidas com os exemplos testados. *Gordo, alegre, amarelo* e *belo* foram individualmente analisados e, assim, se pode descrever como funciona o seu complexo de traços que descrevem a referência.

Além dessas cinco categorias, há mais duas categorias na taxonomia proposta. Vou chamá-las de **categorias extremas**, uma vez que são itens que possuem uma, e apenas uma, potencialidade semântica: ou são <+R, -Q> ou são <-R, +Q>. Essas duas categorias não foram diretamente testadas nesta pesquisa. Creio que, agora isso não se faça necessário.

É sabido que há itens lexicais com essa restrição em sua potencialidade semântica, como se pode encontrar sugerido em Perini *et alii* (1996):

certos itens (**barco, carro, velho, cadeira**) têm potencial de referência, isto é, podem ser utilizados para referir-se a determinadas entidades; ou, ainda, são potencialmente “nomes de coisas”. (...) outros itens (**lindo, paternal, velho**) podem ser utilizados para qualificar entidades, isto é, podem designar qualidades (1996:66)

O fato de Perini *et alii* repetirem apenas o item *velho* nas categorias “nomes de coisas” e “qualidades”, permite-nos interpretar que os demais itens pertencem a apenas um dos dois grupos lexicais citados. Assim, *barco, carro* e *cadeira* são apenas “nomes de coisas” e, *lindo* e *paternal* são apenas qualidades atribuídas às entidades. As categorias extremas trazem exemplos de itens lexicais com essas características. Mesmo que haja discordância quanto à escolha dos exemplos citados por Perini *et alii* (creio que *lindo* pode se interpretado em função “G”), a idéia de haver itens, digamos, monopotenciais semanticamente é mantida intacta. Na **tabela 3**, apresentada logo a seguir, loquei exemplos de itens lexicais que possuem apenas uma potencialidade semântica.

Na categoria 7 estão os itens lexicais que podem apenas exercer função <Q>. *Mero* é um exemplo desse tipo de palavras. Deve-se considerar que há uma forte dosagem de ocorrências particulares, frequentemente tratadas como **anomalias**, que indicam como o sistema lexical é complexo e se constitui, de certa forma, item por item. A categoria 7 é exemplificada com o item lexical *maçã*. Há uma infinidade de palavras que não exercem função <Q>, salvo em situações de mudança de potencialidade semântica, *livro, piscina* ou qualquer nome próprio podem ser qualificadores de alguma entidade.

<b>Exemplos Propostos</b>	<i>mero</i>	<i>maçã</i>
<b>Potencialidades Semânticas Genéricas</b>	-G +Q	+G -Q
<b>Condições Mórficas de Referência</b>	não se aplica	não há restrição morfosintática
<b>Natureza de &lt;G&gt;</b>	---	+NE
<b>Outros Possíveis Elementos da Categoria</b>	<i>Reles</i> <i>Pifio</i> <i>Paternal</i>	<i>Livro</i> <i>Piscina</i> + <i>Nomes próprios</i>
<b>Categorias</b>	<b>6</b>	<b>7</b>

**Tabela 3:** continuação com as categorias extremas

### 3.6.6. como ler as tabelas 2 e 3 estabelecendo categorias

Considerando as palavras testadas e as respectivas categorias nominais, temos: *gordo* da categoria 1, *belo*, da categoria 2; *amarelo*, da categoria 3 etc. Dadas as informações contidas na **Tabela 2**, pode-se dizer que essas categorias têm o seguinte comportamento semântico:

---

#### CATEGORIA 1

- Exerce função <G> de natureza: <+H>, como [+M], ou <+H>, como [+F], se somente se, [+Plural] e [+ DetDef]
  - Exerce função <Q> se e somente se houver um outro termo em função <G> no SN ao qual pertença.
  - Exemplo Estudado: **GORDO**
  - Outros Possíveis Elementos: **FEIO, MAGRO, SUJO, CHATO, ENGRAÇADO, LOUCOS.**
- 

#### CATEGORIA 2

- Exerce função <G> de natureza: <+H>, como [+M] ou [+F], se e somente se [+ DetDef] <+Qa>, se somente se, [+M], [- Plural] e [+DetDef]
  - Exerce função <Q> se e somente se houver um outro termo em função <G> no SN ao qual pertença.
  - Exemplo Estudado: **BELO**
  - Outro Possível Elemento: **BOM, VELHO.**
- 

#### CATEGORIA 3

- Exerce função <G> de natureza: <+H>, como [+M] ou [+F], se somente se [+ DetDef]
  - Exerce função <Q> se e somente se houver um outro termo em função <G> no SN ao qual pertença.
  - Exemplo Estudado: **AMARELO**
  - Outros Possíveis Elementos: **VERDE, PRETO, BRANCO.**
- 

#### CATEGORIA 4

- Exerce função <G> de natureza:
-

---

<+NE>, se somente se, [+M], [ +/- Plural]

- Exerce função <Q> se somente se houver um outro termo em função <G> no SN ao qual pertença.
  - Exemplo Estudado: **AMARELO**
  - Outros Possíveis Elementos: **AZUL, CINZA, VIOLETA, BONINA, ROXO.**
- 

#### **CATEGORIA 5**

- Exerce função <G> de natureza:

<+H>, se somente se, [+M] ou [+F], se somente se [+Plural]

- Exerce função <Q> se somente se houver um outro termo em função <G> no SN ao qual pertença.
  - Exemplo Estudado: **ALEGRE**
  - Outros Possíveis Elementos: **FELIZ, TRISTE.**
- 

#### **CATEGORIA 6**

- Exerce função <Q>
  - Exemplo Citado: **MERO**
  - Outros Possíveis Elementos: **RELES, PÍFIO, PATERNAL.**
- 

#### **CATEGORIA 7**

- Exerce função <G>, de natureza <NE>
  - Exemplo Citado: **MAÇÃ**
  - Outros Possíveis Elementos: **PISCINA, LIVRO, NOMES PRÓPRIOS**
- 

### **3.6.7. comentário conclusivos**

Enfim, temos sete categorias de descrição do complexo de traços que descrevem a referência dos itens lexicais nominais do português. Antes de passar para o segundo grupo de palavras analisadas nesta dissertação, a saber, os quantificadores, gostaria de fazer alguns comentários finais sobre essas categorias. Como se trata de uma pesquisa inicial, a metodologia de pesquisa pode ter incorrido em dois tipos de falhas que me parecem bons temas para pesquisas futuras:

- Há possibilidade de haver mais aspectos que definam outras particularidades dentro de cada categoria. Com isso, creio, há possibilidade de se aumentar o número de categorias. O traço de potencialidade semântica <NE>, por exemplo, deve ser analisado com atenção. Me parece possível que esse traço se desdobre em outros mais específicos.
- Não explorei a existência de um aparente traço semântico particular comum aos elementos de cada categoria. Assim, a categoria 1 é composta por itens que fazem referência a “qualidades comportamentais”; na categoria 2 estão elementos que

designam “qualidades abstratas”; a categoria 3 são “cores que designam grupos humanos” seguindo alguma lógica metonímica; a categoria 4 são as “cores que não designam grupos humanos”; a categoria 5 comporta itens que designam “sentimentos humanos”. Me ative apenas a traços bastante genéricos <H>, <Qa> e <NE>, sendo que esse último, de certa forma, abarca as particularidades semânticas sugeridas.

- Há indícios de haver um número bastante significativo de palavras que, obedecendo as restrições morfossintáticas associadas a essa categoria, podem exercer função referencial de natureza <Qa>. Apresento uma lista de ocorrências observadas apenas na etapa final da redação da dissertação. Não foram, portanto, consideradas para o atual estágio da pesquisa. *Velho*, *simpático*, *interessante*, *básico*, *forte*, *fraco* e *babaca* são exemplos desse tipo de ocorrência. Permito-me apenas registrar esses exemplos. Creio que se farão necessários novos estudos para aprimorar as categorias semânticas estabelecidas.

### 3.7. notas sobre outros aspectos

Durante a pesquisa, algumas observações a mais foram feitas. Avaliei que não se tratava de temas fundamentais para o estabelecimento das categorias. Mesmo assim, são descrições que concernem os SNs e que devem constar no texto final.

A seguir estão duas breves notas. Uma primeira sobre os Pré-Determinantes e uma segunda sobre a influência do tempo verbal. A inclusão dessas notas quebrará um pouco o ritmo de leitura da Dissertação, mas se faz justificada. Não traço comentários longos a respeito; apenas aponto para algumas particularidades observadas. Após as notas, retomo, digamos, o curso normal do texto, fazendo alguns comentários conclusivos que encerram este capítulo.

#### 3.7.1. nota sobre a presença dos PDets *ambos* e *todos*

Os PDet são um grupo restrito a dois elementos: *ambos* e *todos*.

A presença de cada um deles deve ser analisada distintamente. Com o PDet *ambos*, ocorre uma modificação na forma de atribuição da função referencial aos TLs estudados. A natureza <+H> permanece inalterada, mas a referência tem algo de especial. *Ambos*, por

definição, se refere a um conjunto de 2 entidades. Assim, (1)\* a (9) podem ser interpretados como referentes a uma realidade conhecida pelo interlocutor.

- (1) Ambos os belos comem muito pouco.
- (2) Ambos os alegres comem muito pouco.
- (3) Ambos os bons comem muito pouco.
- (4) Ambos os belos merecem cuidados.
- (5) Ambos os alegres merecem cuidados.
- (6) Ambos os bons merecem cuidados.
- (7) Ambos os belos têm valor.
- (8) Ambos os alegres têm valor.
- (9) Ambos os bons têm valor.

Há diferenças na aceitabilidade dos enunciados no gênero feminino. Me parecem de mais difícil aceitabilidade ou sugerem situações anafóricas.

- (10) ?? Ambas as belas comem muito pouco.
- (11) ?? Ambas as alegres comem muito pouco.
- (12) ?? Ambas as bons comem muito pouco.
- (13) ?? Ambas as belas merecem cuidados.
- (14) ?? Ambas as alegres merecem cuidados.
- (15) ?? Ambas as boas merecem cuidados.
- (16) ?? Ambas as belas têm valor.
- (17) ?? Ambas as alegres têm valor.
- (18) ?? Ambas as boas têm valor.

Por sua vez, a introdução do PDet *todos*, nos gêneros masculino ou feminino, nos SNs estudados, mantém a forma de referência e sua natureza <+H>

- (19) Todos os belos comem muito pouco.
- (20) Todos os alegres comem muito pouco.
- (21) Todos os bons comem muito pouco.
- (22) Todos os belos merecem cuidados.
- (23) Todos os alegres merecem cuidados.
- (24) Todos os bons merecem cuidados.
- (25) Todos os belos têm valor.

---

\* **ATENÇÃO:** Como há um volume grande de exemplos, recomeço a lista para facilitar o acompanhamento dos dados.

(26) Todos os alegres têm valor.

(27) Todos os bons têm valor.

No gênero feminino, se tem:

(28) Todas as belas comem muito pouco.

(29) Todas as alegres comem muito pouco.

(30) Todas as bons comem muito pouco.

(31) Todas as belas merecem cuidados.

(32) Todas as alegres merecem cuidados.

(33) Todas as boas merecem cuidados.

(34) Todas as belas têm valor.

(35) Todas as alegres têm valor.

(36) Todas as boas têm valor.

Não há como se locar um PDet em um SN que não tenha um Det. Da mesma forma não há como se locar um PDet antes de um Det que não esteja no plural ou que seja indeterminado. Assim, os testes com os PDets se encerram com os exemplos listados.

### **3.7.2. nota sobre a variação no tempo verbal**

Outro comentário a ser registrado é o fato de haver um diferença de atribuição de significado referencial ou anafórico em função da variação do tempo verbal do ambiente no qual se encontram os SNs. Excetuando-se o tempo presente, que foi analisado até aqui na dissertação, no modo indicativo, os tempos verbais pretéritos perfeito ou mais-que-perfeito e o futuro do pretérito criam a necessidade de interpretação anafórica.

(37) Os belos comeram/comeriam muito pouco.

(38) Os alegres mereceram/mereceriam cuidados.

(39) Os bons tiveram/teriam valor

A interpretação dos sintagmas nesses tempos verbais como anafóricos se justifica pela temporalidade específica dos tempos verbais. Necessariamente, se faz referência a “algo” que ocorreu em um tempo determinado (pretérito perfeito), ou relativo a um tempo determinado (futuro do pretérito, pretérito mais-que-perfeito); o que implica no envolvimento de partícipes específicos necessariamente. Sobre a referência anafórica do futuro de pretérito, faço uma

restrição. É preciso que se imagine uma frase sequente que se formule apenas no pretérito perfeito ou pretérito mais-que-perfeito composto, como:

- (40) Os belos comeriam muito pouco, mas não comeram.
- (41) Os alegres mereceriam cuidados, mas não o receberam.
- (42) Os bons teriam valor, mas não foram julgados como tal.

Para os demais tempos do indicativo, futuro do presente e pretérito imperfeito, o efeito de “G” de traço <H> não anafórico se mantém inalterado. Não se tem nesses dois casos, uma referência temporal específica que exija o estabelecimento, portanto, de partícipes específicos:

- (43) Os bons tinham valor/terão valor.
- (44) Os alegres mereciam/merecerão cuidados.
- (45) Os bons tinham/terão valor.

Mais uma vez, faço apenas observações rápidas sobre exemplos que surgiram no decorrer da pesquisa. Retomemos o curso normal do texto.

**sobre os quantificadores:  
como funciona a sua referência?**

*Miguilim olhou. Nem não podia acreditar!  
Tudo era uma claridade, todo nôvo  
e lindo e diferente, as coisas,  
as árvores, as caras das pessoas.*

JOÃO GUIMARÃES ROSA

## 4.1. por que estudar os quantificadores?

O aparecimento dos quantificadores na pesquisa se deu mais ou menos por acaso.

Durante as testagens com os itens lexicais estudados no primeiro capítulo, me vieram exemplos nos quais havia palavras que sustentavam a idéia de referência, mas não se encaixavam nas categorias estabelecidas. Percebi que havia um traço comum a esses termos: a noção de quantificação. Passei a examiná-los separadamente pensando em inclui-los no corpus de pesquisa. Ora, como são palavras que, digamos, obedecem ao critério “traço nominal” e apresentam alguma forma de referência, passei a considerá-los como um grupo a parte, porém ligado ao tópico principal da pesquisa. Esse aspecto é necessário que fique bem claro.

No texto de Hugo Mari (1979) que trata da questão da quantificação em português, além dos pronomes, dos numerais, dos adjetivos e dos substantivos, são listados e analisados verbos e advérbios que têm uma noção semântica de quantificação. Como esses vocábulos não possuem traços formais nominais, não foram incluídos nesta dissertação.

Este capítulo relata a descrição dos quantificadores “nominais”. Como será notado, é um capítulo mais curto, mais conciso porque se serve de boa parte da metodologia e das definições apresentadas do capítulo anterior.

## 4.2. o que são quantificadores?

Estou incluindo na categoria dos quantificadores os itens lexicais que trazem acepção de quantificação. Trata-se de um traço sêmico que está presente nos tradicionalmente chamados quantificadores, nos numerais e nos substantivos coletivos. Essa definição, ainda vaga, se fará um pouco mais precisa no decorrer do trabalho. Há palavras, como *alto*, *leve* e *grande*, por exemplo, que, de alguma forma, possuem acepção quantitativa, mas não foram computadas neste trabalho. Mesmo que tenham tal noção, restringi o conceito aos quantificadores que fazem referência a uma noção de numeração de entidades e não nas entidades. Ou seja, quando se diz, por exemplo, em (1)\*:

(1) **Vários** elefantes causaram **altos** estragos e **leves** prejuízos ao dono do circo,

nota-se que as noções de quantificação dos itens em negrito é diferente. *Vários* numera as entidades “elefantes”, enquanto *leves* e *altos* determinam a intensidade de “estragos” e “prejuízos”; i.e., de certa forma quantificam mas não em termos numéricos. Para esta pesquisa, serão considerados apenas os quantificadores que numeram ou designam entidades e não

---

\*ATENÇÃO: Como há um volume grande de exemplos, recomeço a lista para facilitar o acompanhamento dos dados.

determinam intensidade ou quantificação de outra forma qualquer nas entidades<sup>20</sup>. Uma definição mais clara do que venha a ser quantificação se faz necessária. Essa empreitada poderá se constituir em pesquisa a ser desenvolvida futuramente.

Em uma discussão sobre a noção de quantificação, Hugo Mari (1979), servindo-se da obra de Kant, discorre sobre a definição de quantidade. Mari destaca a distinção entre a quantificação como funcionamento lógico e a mensurabilidade da quantificação das entidades no mundo.

Inicialmente, julgamos que as palavras que compartilham da noção de quantidade, embora diferindo entre si numa série de aspectos morfológicos e de comportamento sintático, comportam-se uniformemente em relação às suas possibilidades semânticas de expressar quantidade, em função do próprio caráter de acidente desta noção. Assim existe uma semelhança na forma de indicar quantidade em pares de palavras como: *comprimento/vários, estreito/três, encurtou/ às vezes*. Em cada um destes vocábulos, **há uma representação subjacente da noção de quantidade, mas em nenhum destes casos, a quantidade pode ser concebida independentemente da ações, dos objetos e dos conceitos que são accidentalizados. (...) a quantidade em si é um acessório, é abstrata e assume forma representativa e referencial, na medida em que atua sobre outros elementos.** (Mari, 1979:68) [destaque acrescido]

Creio que os quantificadores, como será demonstrado a seguir, podem exercer função referencial. Dessa forma escapam à limitação ao papel accidental presente na proposta de Mari. Para o professor, accidentalidade se refere à ocorrência apenas em situação de acompanhamento de uma outra palavra que desempenha o papel referencial como ele deixa a entender na citação: “a quantidade em si é um acessório, é abstrata e assume forma representativa e referencial, na medida em que atua sobre outros elementos.” (1979:68). **Accidental** é, portanto, o que não é **essencial**. Esses dois conceitos podem ser aproximados sem problema de compreensão do que venham a ser qualificação e referência.

---

<sup>20</sup> Mari (1979) propõe noções quantitativas de intensidade, divisibilidade, isolamento de entidades, frequência, contagem e extensão de espaço e tempo.

### 4.3. estabelecimento de grupos por critérios semânticos

#### 4.3.1. os traços <CSP> e <NQP>

Se suas características mórficas são suficientes para agrupá-los em uma grande classe lexical, há entre os quantificadores, no entanto, traços semânticos particulares que possibilitam sua distribuição em grupos lexicais distintos. Estabeleci **quatro grupos** lexicais de acordo com critérios semânticos.

Dois foram os traços considerados para o estabelecimento dos grupos: a **Carga Semântica Própria**, notada como <CSP>, e a **Noção de Quantificação Própria**, notada como <NQP>. A <CSP> é a informação de natureza referencial, qualitativa portanto, fornecida pelo quantificador. Nos substantivos coletivos, reunidos no **grupo 4**, *arquipélago* e *cardume*, por exemplo, aquilo a que os quantificadores se referem é precisamente interpretado. *Arquipélago* se refere a “ilhas” e apenas a “ilhas”; *cardume*, a “peixes” e apenas a “peixes”. *Cardume* e *arquipélago* são quantificadores com uma dosagem de <CSP> muito marcada. Tanto o é que não aceitam um SP em função <Q> que não seja compatível com a sua CSP (salvo em situações metafóricas):

- (2) Um cardume de traíras
- (3) \* Um cardume de livros
- (4) Cabo Verde é um arquipélago de ilhas desérticas.
- (5) \* Chico possui dois arquipélagos de CDs

Por outro lado, existem outros quantificadores sem qualquer <CSP>, elementos do **grupo 1**, como *três* e *dúzia*. Ao se dizer *três* e *dúzia*, isoladamente, não há qualquer referência qualitativa possível. Só pode haver alguma compreensão semântica referencial se houver um ambiente específico. Em contrapartida, essas palavras possuem um efeito semântico de quantificação exato; são, portanto, quantificadores de alta dosagem de <NQP>; pode-se dizer que é absolutamente precisa a afirmação que uma dúzia de ovos equivale a 12 ovos.

As variações na intensidade das taxas de <CSP> e de <NQP> serão indicadas da seguinte forma: os quantificadores dotados de alta precisão quantitativa, ou alta dosagem de <NQP>, serão notados como **4NQP**; aqueles que possuem muito baixa, ou ausência na precisão de quantificação, com **1NQP**. Seguindo a mesma notação, os itens de alta carga semântica própria, e seu inverso, serão notados, respectivamente, como **4CSP** e **1CSP**. A partir da variação<sup>21</sup> de **1** a **4**, indica-se a menor, que é a ausência do traço, ou a maior presença de um

---

<sup>21</sup> Esta variação não deve ser compreendida como uma sequência de valores discretos. As taxas de <CSP> e de <NQP> possuem uma variação contínua. Os valores de 1 a 4 indicam pontos desta presumida variação contínua e devem ser interpretados como valores para se compararem as disparidades entre as taxas.

dos dois traços sêmicos considerados. Considerado os exemplos citados, temos esquematicamente que:

**arquipélago e cardume** são itens <4CSP, 1NQP>; e  
**três e dúzia** são itens <1CSP, 4NQP>

Esses exemplos pertencem a grupos nos extremos opostos de variação dos índices <CSP> e <NQP>. Existem quantificadores em posição intermediária que foram locados em dois grupos.

Em um primeiro grupo intermediário, encontram-se palavras como *muitos* ou *alguns* que exprimem, mesmo em início de enunciação, referência a uma entidade humana. São dotadas, portanto, de <CSP>, mas de grau de precisão inferior ao grupo dos substantivos coletivos. Afirimo que grau de <CSP> é inferior à taxa do primeiro grupo pela seguinte razão: a imagem mental que *cardume* ou *arquipélago* cria é menos passível de variações do que a imagem criada por *muitos* ou *alguns*. Em outras palavras, parece-me mais imediata<sup>22</sup> a interpretação de *arquipélago* como referente a ilhas do que *alguns* como referente a seres humanos.

No que tange à quantificação, *muitos* e *alguns* não permitem uma interpretação quantitativa exata, como *três* ou *dúzia* o permitem. Mas, em situações de uso, os interlocutores têm alguma noção do que venham a ser as quantidades relativas a *muitos* ou a *alguns*. São palavras, portanto, que possuem características semânticas intermediárias: possuem carga semântica própria, <CSP>, porém restrita; e alguma noção quantitativa, <NQP>. Assim, descrevem-se com índices semânticos parciais

**alguns e muitos** são <2CSP, 2 NQP>.

O segundo grupo intermediário possui caracterização quantitativa semelhante ao anterior. A diferença entre esses dois grupos está ligada à <CSP>. *Hordas* e *bandos*, exemplos desse grupo, têm os seguintes traços semânticos:

**hordas e bandos** são <3CSP, 2NQP>.

ou seja; possuem a mesma <NQP> e uma <CSP> mais significativa. Chamo a atenção para o fato de ter marcado a noção de <CSP> com o índice superior ao grupo anterior: *hordas* e *bandos*, em início de enunciação, possuem traços semânticos que permitem a interpretação referencial humana, sendo que a essa imagem acrescenta-se a atribuição de avaliação pejorativa do grupo humano designado, como se percebe em na comparação entre (6) e (7):

---

<sup>22</sup> Interpretar *alguns* como <+H> depende de condições morfossintáticas. O mesmo não ocorre com *arquipélago*.

- (6) Alguns entraram no shopping.  
 (7) Bandos entraram no shopping.

Ao se escutar (6), não se cria outra imagem a não ser de pessoas que entram no shopping. Considerando-se o exemplo (7), no entanto, há influência do termo *bandos* na configuração mental do grupo humano que entra no shopping. Só se usam as expressões *bando* e *horda* quando se tem algum julgamento a respeito do grupo humano designado.

### 4.3.2. os grupos estabelecidos pelos traços <CSP> e <NQP>

Em suma: seguindo os critérios semânticos das dosagens de <CSP> e <NQP>, pode-se constituir quatro grupos lexicais. Os 4 grupos, apresentados na ordem decrescente da propriedade <NQP> e crescente de <CSP>, são os seguintes:

<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
Centenas Milhares Dois Três Dúzias	Todos Alguns Vários Poucos Muitos	Bando Quadrilha Corja Horda Leva	Rebanho Arquipélago Frota Cardume Manada
<1CSP, 4NQP>	<2CSP, 2NQP>.	<3CSP, 2NQP>.	<4CSP, 1NQP>.

### 4.4. comentários adicionais sobre os grupos de quantificadores

Para esta parte da dissertação, retomo os índices de <CSP> e <NQP> para cada grupo. Uma vez isso feito, será possível fazer a comparação dos valores de <CSP> e <NQP> dos grupos.

Os elementos do **grupo 1** apresentam o traço <CSP> com o índice 1, mas possuem clara exatidão na quantificação, ou seja, alta marcação de <NQP>, índice 4. Ao se utilizarem os quantificadores desse grupo, não há qualquer referência possível a não ser em situações morfossintáticas e de SV específicas como indicam os exemplos (18) a (22), citados anteriormente.

Para o **grupo 2**, com o índice 2, para os traços <CSP> e <NQP>, ocorreria, segundo Perini *et alii*, o preenchimento por ausência:

A coisa pode ser expressa da seguinte forma: a palavra **poucos** não dá nenhuma indicação do referente ou referentes a que se aplica; na verdade, vale para qualquer referente. Seu significado é puramente quantitativo. Mas não se pode negar que o sintagma **poucos** em [Poucos votaram em mim] tem um referente (algo como “poucas pessoas”; assim, é forçoso admitir que o sintagma tem um centro de referência atribuído pelas regras sêmicas. (Perini *et alii*, 1996: 86)

De acordo com a notação proposta, poderemos dizer que o segundo grupo é <2CSP, <2NQP>. A noção de quantificação, mesmo que imprecisa, permanece presente. Ou seja, *muitos* e *poucos* quantificam de alguma forma, mas sem a exatidão. Esse segundo grupo possui traço semântico 2CSP, uma vez que sempre se tem conotação referencial humana, se ocorre em início de conversa. Nesse aspecto me permito discordar de Perini *et alii* Como se nota nos exemplos abaixo, mesmo em início de enunciação, esses quantificadores permitem a interpretação da referência humana

(13) Muitos entraram no shopping sorrindo.

(14) Poucos entraram no shopping sorrindo.

(15) Todos entraram no shopping sorrindo.

Essa interpretação se faz possível até mesmo em *Poucos votaram em mim*, exemplo proposto por Perini *et alii*, na passagem acima.

O **grupo 3** pode ser descrito com as seguintes dosagens para os aspectos semânticos analisados 3 para a <CSP> e 2 para a <NQP>. O **grupo 4** grupo possui traços <4CSP, 1NQP>; ou seja, é um conjunto marcadamente específico em sua carga semântica e quase vazio na quantificação; o máximo que se pode afirmar é que esses itens denotam grupos não unitários.

O **grupo 3** pode ser descrito com as dosagens para os aspectos semânticos analisados: 3 para a <CSP> e 2 para a <NQP>. Há duas particularidades a serem notadas: (i) a quantidade é igualmente muito indefinida se comparada com a precisão quantitativa do primeiro grupo; o que o faria ser coincidente com o grupo 2. No entanto, nota-se um nível mais elevado de informação. Não apenas esses termos designam entidades humanas, como também atribuem julgamento de valor ao grupo humano referido, que será notada como carga de **pejoratividade**, ou traço <+Pej>. Assim, os grupos 2 e 3 se assemelham no traço <NQP>, mas se distinguem na <CSP>. Parece-me de muito difícil a aceitabilidade de SNs como:

(11) ?? Hordas de freiras foram ao cinema.

(12) ?? Corjas de benfeitores foram ao cinema.

uma vez que social e culturalmente se consideram esses grupos humanos como conjuntos pessoas corretas. Essa carga de julgamento moral, que se caracteriza pela atribuição de pejoratividade ao grupo designado, se faz ainda mais clara em

(13) Um bando de crianças entrou no cinema.

Em (13), ou se interpreta *crianças* como “meninos de rua”, como outro grupo humano socialmente marcado como marginal, ou é atribuída às crianças alguma característica supostamente típica a este grupo marginal, tal como o mau comportamento ou a agressividade.

A análise da interpretação necessariamente pejorativa dos itens do terceiro grupo se aproxima metodologicamente do que fizeram Perini *et alii* na descrição da ordenação anteposta ao núcleo do SN para alguns adjetivos. Em sua publicação de 1996, é descrita como de difícil aceitabilidade a anteposição ao núcleo do SN dos adjetivos *cruel*, em (14) e *musculoso*, em (15):

(14) ? Uma cruel mãe

(15) ? Um musculoso professor<sup>23</sup>

Não é meu objetivo discutir essa questão, que me parece suficientemente contemplada na publicação supracitada. Valho-me deste comentário para reconhecer como os aspectos semântico-pragmáticos são fundamentais para se descrever o funcionamento de uma língua, conforme relata Perini:

Em todos os casos de anteposição livre do adjetivo verifica-se a presença do seguinte ingrediente semântico: há uma **expectativa** de que a qualidade expressa pelo adjetivo seja particularmente adequada à entidade expressa pelo substantivo (...) A natureza dessas expectativas é uma questão interessante a investigar. Certamente não se trata de crenças puras e simples (...) Trata-se de estereótipos culturais, que no entanto, como estamos vendo, têm relevância para a análise da língua. (Perini *et alii*, 1996: 63)

Talvez não possa designar exatamente como estereótipos, mas há uma expectativa cultural de que *freiras* sejam pessoas boas e que “meninos de rua” sejam marginais. A aceitabilidade ou a recusa do quantificador *bandos* anteposto a esses dois itens em função de NSN é uma indicação da existência de julgamento social.

---

<sup>23</sup> Adriana Nascimento, em conversa pessoal, questiona a pertinência desse exemplo. Há, na categoria profissional docente, professores *comumente* musculosos como os professores de educação física. Sua ressalva me parece correta, mas deve-se levar em consideração que ainda a expectativa cultural julga professor como um profissional não-musculoso.

Os elementos do **grupo 4** grupo possuem traços <4CSP, 1NQP>. Ou seja, o grupo 4 é um conjunto marcadamente específico em sua carga semântica e quase vazio na quantificação; o máximo que se pode afirmar é que esses itens denotam grupos não unitários. Não se utiliza um substantivo coletivo para se referir a uma única unidade. Apenas se utilizam os coletivos quando se tem um conjunto com mais de um elemento a ser designado. Se considerarmos os exemplos abaixo, poderemos inferir apenas que *arquipélago* e *cardume* designam conjuntos não unitários de ilhas e peixes, respectivamente.

(16) O arquipélago mais em moda hoje se encontra no Golfo de Benin.

(17) Um cardume apenas já encheu a geladeira da loja.

(18) Uma frota americana invadiu o Rio Arrudas.

Em contrapartida, *arquipélago*, *cardume* e *frota* possuem uma elevada dosagem de <CSP>. Os coletivos podem ser descritos com o índice 4, já que se referem estritamente a um tipo de entidade. Nos exemplos (16) a (18), este fato é claro: *arquipélago*, *cardume* e *frota* são interpretados em função referencial de forma absolutamente específica; i.e., *arquipélago* se refere a ilhas e *cardume*, a peixes e *frota*, a “navios”. Outra indicação da alta dosagem de <CSP> se faz perceptível na inaceitabilidade dos exemplos (19) e (20), se considerados em sentido denotativo:

(19)\* Um cardume de alunos entrou na sala.

(20)\* Uma frota de pizzas foi servida no jantar de casamento do Ernesto.

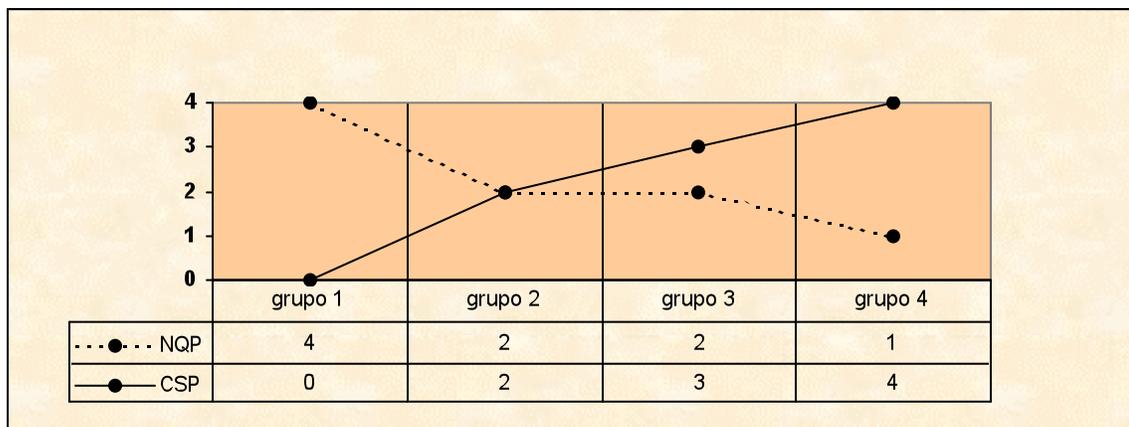
Após apresentar os grupos de quantificadores a serem analisados de acordo com a <CSP> e a <NQP>, passo a descrevê-los de um ponto de vista formal a fim de estabelecer as condições para que possuam efeito de referência. A análise proposta segue apenas aproximadamente os passos para os itens lexicais do Capítulo 1. Mesmo que mais simples, a análise e os exemplos me parecem suficientes para se ter, digamos, uma base formal, que constitui critério descritivo inicial, suficiente para permitir a análise seguindo os critérios de <CSP> e <NQP>.

Temos a descrição das dosagens de <CSP> e <NQP> dos quatro grupos. O próximo passo ser dado é a comparação entre os valores indicados. Nessa comparação, notei que há uma relação inversamente proporcional entre <CSP> e <NQP>. Assim, levanto uma hipótese baseada na descrição que fiz dos quantificadores.

De certa forma, essa descrição, que aparece na forma de gráfico a seguir, aproxima os dois capítulos da dissertação: trata-se de uma descrição de aspectos da referência em português.

#### 4.5. descrição comparativa: há uma relação inversa entre <CSP> e <NQP>

Há uma relação inversa entre <CSP> e <NQP>; ou seja, o grupo que possui um maior índice <CSP> terá um menor índice <NQP>. Os quatro grupos e respectivos índices descritivos foram dispostos no gráfico abaixo:



**Gráfico:** Comparação semântica dos quantificadores (em índices de <NQP> e <CSP>).

Os valores dos índices de <NQP> e de <CSP> entre os grupos 1 e 4 são inversamente proporcionais. Se se compararem os grupos 2 e 3, não se terá a mesma clareza na relação de proporcionalidade inversa dos índices, posto que o valor da <NQP> é o mesmo. O sentido de queda da dosagem da <NQP> em direção ao último grupo, no entanto, confirma a hipótese proposta. Além disso, há uma tendência de crescimento do grupo 2 em direção ao grupo 3 nos valores da <CSP>. A opção por uma postura descritivista da dissertação deve se permitir encerrar sua tarefa por aqui.

O credo da descrição não nega a necessidade de se proporem explicações para os fatos constatados. O que se defende, pelo menos por enquanto, é a necessidade de priorizar a coleta de dados que ficou, de certa forma, legada para o segundo plano. Questões como “Por que

ocorre esta relação inversa entre <CSP> e <NQP>?” ou “Como funciona nossa mente nesse caso?” são perguntas ótimas mas que só podem ter lugar depois que se tem uma descrição do fato de haver esta relação inversa entre <CSP> e <NQP>.

#### 4.6. nota sobre dois contra-exemplos: *casal* e *par*

No caso específico da análise dos quantificadores, surgiram dois contra-exemplos para a hipótese proposta acima: *casal* e *par*. Esses dois quantificadores possuem, ambos, altas dosagens de <CSP> e <NQP>.

*Casal* pode ser descrito como um quantificador de natureza <4CSP, 4NQP>; i.e., é exata a informação quantitativa, um casal = duas entidades. No que concerne a carga semântica própria, *casal* recebe igualmente um índice elevando, 4, para a <CSP>. O quantificador *casal* sempre se refere a duas entidades vivas que tenham alguma relação de união (casamento, namoro, acasalamento) necessariamente de sexo diferente<sup>24</sup>. Assim, *um casal de irmãos* se interpreta *irmãos* como “um irmão + uma irmã”. Essas considerações justificam a caracterização de *casal* como <3CSP> da palavra que se confirma na série de exemplos (21-27):

- (21) Um casal de namorados despertou a atenção de Remi.
- (22) Um casal de patos vive nos jardins do Palácio.
- (23) Um casal de amigos tira fotos no jardim da casa do bispo.
- (24) Um casal de velhos passeia pela praça.
- (25) \* Um casal de mesas está em promoção nas Lojas Americanas.
- (26) \* Um casal de automóveis da FIAT foi lançado no Salão do Automóvel.
- (27) \* Um casal de irmãs brigou na festa.

Os exemplos (25-27) dão indicação da inaceitabilidade do quantificador *casal* antecedendo entidades não-vivas, como em (25) e (26), ou do mesmo sexo, como em (27). O valor da <CSP> não tem a precisão de nível 4, posto que se tem uma caracterização restritiva para o tipo de entidade que pode acompanhar este quantificador, mas não ao ponto de se justificar o índice 4 de carga semântica própria.

O segundo contra-exemplo, *par*, não se descreve de forma muito diferente.

---

<sup>24</sup> Salvo casal homossexual.

O quantificador *par* se caracteriza pelos índices <3CSP, 4NQP>. A quantidade é exata, um par = 2 entidades. Creio que se justifica o índice 4 mesmo que haja alguma indeterminação quantitativa na palavra *par*. Como em (28):

(28) Um par de vezes ele passou por aqui.

A atribuição do índice 3 para a <CSP>, inferior ao índice de *casal*, se deve ao fato de *par* aceitar uma gama de entidades bem mais vasta. As entidades quantificadas por *par* pertencem a grupos semânticos bastante distintos, como se nota nos exemplos (29-36):

(29) Um par de sapatos/meias/calças

(30) Um par de amigos/namorados

(31) Um par de mesas/cadeiras

(32) Um par de brincos/anéis

(33) Um par de samba/de forró

(34) Um par de óculos/lentes

(35) Um par de Ases/Reis (de Copas)

(36) Um par de jarros/enfeites

Ainda está por serem descritas as restrições de uso do quantificador *par*<sup>25</sup>. Apenas listo, nos exemplos (37-39), alguns enunciados que me parecem de difícil aceitabilidade:

(37) ?? Um par de almôndegas

(38) ?? Um par de ônibus

(39) ?? Um par de laranjas

Resta-nos, por enquanto, aceitar que *casal* e *par* sejam exemplos de idiossincrasias ou anomalias do léxico.

A língua não se compõe apenas de regularidades; inclui também, em proporção desconhecida, casos particulares, exceções, irregularidades etc. Ou, para usar uma antiga nomenclatura, a língua compreende um componente anomalístico. Essas anomalias são tradicionalmente colocadas no léxico; assim, um item pode ser marcado como exceção a uma regra (...). Quando tratamos de fenômenos gramaticais dependentes de tratamento semântico, é de se esperar que surja grande quantidade de anomalias – já que cada item léxico é, por assim dizer, semanticamente único. (Perini *et alii*, 1996:133)

---

<sup>25</sup> Há um outro uso específico para *par*. Pode-se compreender *par* como um dos elementos do quantificador *par* como em uma sentença como *Ele espera um par para dançar*.

#### **4.7. como um estudo descritivista lida com contra-exemplos**

Um fenômeno que ocorre quando se dedica a uma pesquisa descritivista que, por princípio, aceita toda e qualquer ocorrência na língua estudada, é o surgimento de contra-exemplos a serem relatados.

Essas ocorrências são indicações, por um lado, do pouco cuidado que se tem tido em se propor teorias explicativas a partir de um volume de dados ou muito restrito, ou muito previamente selecionado. Incorre-se na eliminação de incongruências teóricas via simplificação do objeto de pesquisa ou na adequação *ad hoc* dos dados obtidos a modelos rigidamente estabelecidos. Não é o caso de nos enveredarmos por este debate; o que resultaria em uma extensa e complexa discussão sobre as metodologias de pesquisa. Mas, vale, por outro lado, registrar que a ocorrência de contra-exemplos pode ser compreendida como boa indicação da complexidade da língua e que temos ainda muitos temas de pesquisa a serem enfrentados ou revisitados pela investigação linguística.

A consideração de contra-exemplos não deve, todavia, ser levada ao extremo de se chegar a negar a existência de um sistema de regras capaz de descrever o funcionamento da língua. Para Searle, “falar é adotar uma forma de comportamento governado por regras” (In: Laurier, 1993:35). Essa idéia é muito provavelmente tida como ponto pacífico para a grande maioria das correntes em pesquisa linguística. E isso esta pesquisa não nega. Mas, ousa sugerir que essa *forma de comportamento* talvez não possam se resumir a um “*conjunto restrito de regras*”, como escreve Daniel Laurier:

O fato de ser ilimitado (senão infinito) o volume de novas frases que um locutor pode reconhecer como gramaticais é muito importante, pois nos incita a pensar que um língua deve poder ser descrita por meio de um conjunto restrito de regras. (Laurier, 1993: 113)

O que me incomoda, digamos, é a idéia de restrição do conjunto de regras. Que elas são restritas, não há dúvida, mas a qual nível de restrição? Intuo que se tenha um conjunto de regras muito vasto. Tão vasto que não lhe seria justo o adjetivo restrito.

#### **4.8. testes e descrições**

Passemos à etapa de testes que avaliarão a aceitabilidade do papel referencial dos quantificadores dos enunciados em função das variações morfossintáticas. Estes testes seguem a mesma metodologia de pesquisa que foi adotada na primeira parte da dissertação.

### 4.8.1. grupo 1

Os elementos do primeiro grupo são itens nominais posto que possuem número e gênero.

Não há possibilidade de se promoverem variações para o gênero. É certo que há as formas *centena* e *centenas*, ou *dúzia* e *dúzias*, mas não há variação de gênero possível de ser efetuada. Como foi dito, o grupo se caracteriza por uma alta dosagem de <NQP>, com índice 4, e uma <CSP> com o índice 0. Esse grupo pode exercer função <R> se aparecem, os seus componentes, no plural e no gênero inerente a cada um deles. Esse fato, que poderia parecer paradoxal, dada a <CSP> de nível 0, se faz comprovar através dos exemplos a seguir:

- (40) Centenas vão ao cinema.
- (41) \* Centena vai ao cinema.
- (42) Dúzias vão ao cinema.
- (43) \* Dúzia vai ao cinema
- (44) Três vão ao cinema.

Nesses exemplos, fica claro que o plural é necessário à aceção referencial do sintagma, sendo que não há artigo posposto ou anteposto ao quantificador. Essa aceção pode ser descrita como função <R> de traço <+H>. É fato que o ambiente determinado pelo SV determina a natureza <+H> da referência. A dosagem nula de <CSP> é, digamos, corrigida pela carga semântica marcadamente <+H> do SV. Creio, no entanto, que mesmo se tivermos um SV genérico, ou seja não forçosamente de traço <+H>, interpretam-se os quantificadores do grupo 1 como em função <R> de traço <+H>, como aparece em:

- (45) Centenas comem milho.
- (46) Dúzias comem milho.
- (47) Três comem milho.

Há, ainda, uma certa indeterminação da entidade designada pelo quantificador. Essa indeterminação é devida justamente à baixa dosagem de <CSP>. Mesmo assim, *by default*, há uma associação automática a entidades humanas. Até mesmo em situações normalmente <-H>, como em (16), a interpretação automática inicial reconhece o traço <+H> na referência.

- (48) Centenas/Dúzias/Três comem formigas.

Com verbos de ligação é mais clara a interpretação <+H>:

- (49) Centenas estão na praia.
- (50) Centenas são argentinos.
- (51) Dúzias estão na praia.
- (52) Dúzias são argentinos.
- (53) Três estão na praia.
- (54) Três são argentinos.

A presença de um numeral cardinal anteposto ao sintagma não invalida as testagens até agora realizadas. Neste caso, as formas plural e singular são aceitas para os quantificadores *centena(s)*, *dúzia(s)*, mas não para os numerais e para *milhares*:

- (55) Uma centena vai ao cinema.
- (56) Duas centenas vão ao cinema.
- (57) Uma dúzia vai ao cinema.
- (58) Duas dúzias vão ao cinema.
- (59) Um milhar vai ao cinema.
- (60) Dois milhares vão ao cinema.
- (61) Dois (duas) três vão ao cinema.
- (62) Um(a) três vai ao cinema.

#### 4.8.2. grupo 2

Os testes com os elementos do segundo grupo, caracterizados como itens <3CSP> e <2NQP>, levaram-me a concluir que esses itens exigem plural para desempenharem função referencial <+H>.

- (63) Todos vão ao cinema/comem formigas.
- (64) Alguns ao cinema/comem formigas.
- (65) Vários ao cinema/comem formigas.
- (66) Poucos ao cinema/comem formigas.
- (67) Muitos ao cinema/comem formigas.

A variação no gênero não acarreta outra interpretação.

- (68) Todas vão ao cinema/comem formigas.
- (69) Algumas ao cinema/comem formigas.
- (70) Várias ao cinema/comem formigas.
- (71) Poucas ao cinema/comem formigas.

(72) Muitas ao cinema/comem formigas.

No entanto, se o quantificador ocorre no singular<sup>26</sup>, não há aceitabilidade possível

(73) \* Todo(a) vai ao cinema/come formigas.

(74) \* Algum(a) vai ao cinema/come formigas.

(75) \* Pouco(a) vai ao cinema/come formigas.

(76) \* Muito(a) vai ao cinema/come formigas.

### 4.8.3. grupos 3 e 4

Os dois grupos restantes foram caracterizados, respectivamente, como itens <2NQP> e <3CSP>, e <1NQP> e <4CSP>. A esses grupos, foi aplicada a variação de número e de presença ou ausência de determinante. O gênero dos itens é sempre inerente, i.e., não há como se variar o gênero de *horda* ou *cardume*, por exemplo. Para testar as condições de ocorrência de referência, escolhi o ambiente de SV que não exige traço <+H>.

Desta primeira bateria de testagens, *arquipélago* e *frota* foram retirados por haver incompatibilidade semântica com o SV escolhido. Os dois foram testados separadamente, enunciados (77) a (117).

(77) Bandos comem muito

(78) Quadrilhas comem muito

(79) Corjas comem muito

(80) Hordas comem muito

(81) Levas comem muito

(82) Rebanhos comem muito

(83) Cardumes comem muito

(84) Manadas comem muito

(85)\* Bando come muito

(86) Quadrilha come muito

(87) \* Corja come muito

(88) \* Horda come muito

(89) \* Leva come muito

(90) \* Rebanho come muito

(91) \* Cardume come muito

(92) \* Manada come muito

(93) Os bandos comem muito

(94) As quadrilhas comem muito

(95) ?? As corjas comem muito

(96) ?? As hordas comem muito

(97) ?? As levas comem muito

(98) Os rebanhos comem muito

(99) Os cardumes comem muito

(100) As manadas comem muito

(101) Um bando come muito

(102) Uma quadrilha come muito

(103) ?? Uma corja come muito

(104) ?? Uma horda come muito

(105) ?? Uma leva come muito

(106) Um rebanho come muito

(107)Um cardume come muito

(108)Uma manada come muitos

---

<sup>26</sup> Não existe a forma *vários* no singular

- (109) Uma frota impressiona
- (110) A frota impressiona
- (111)?? Frota impressiona
- (112) As frotas impressionam
- (117) Os arquipélagos encantam

- (113) ?? Frotas impressionam
- (114) Um arquipélago encanta
- (115) ??Arquipélago encanta
- (116) Arquipélagos encantam

Não descreverei separadamente as condições de ocorrência de função <R> para cada um deles assim como fiz para os itens analisados no capítulo anterior. Já se têm indicações da mudança na aceitabilidade do enunciado de acordo com as variações morfossintáticas. Nota-se que em (85), (87-92), (111) e (115), o número singular e a ausência de determinante inibem a aceitabilidade do enunciado. Reconhece-se que há ainda muito a ser investigado e avaliado nos exemplos listados. Reconhece-se também, como já foi comentado na Introdução da dissertação, que o julgamento de (in)aceitabilidade não foi submetido à avaliação ampla como se faz necessário. Mesmo assim, me parecem pertinentes os dados levantados e as observações propostas a partir desses dados.

#### 4.9. comentário conclusivos

Traço dois comentários conclusivos sobre os quantificadores. Estes comentários, a bem da verdade, propõem alargamento da pesquisa de forma inicial. Novas análises se farão necessárias para se comprovarem ou se negarem as propostas apresentadas:

- parece-me interessante propor uma descrição dos quantificadores a partir dos traços referenciais específicos atribuídos aos demais itens lexicais nominais. Há de se fazer adaptações e se ampliar o leque das potencialidades específicas da função <R>. Assim, mantém-se o traço <+H> e acrescentam-se os traços <+Pej>, indicando referência com carga de pejoratividade e <+NNE>, traço semântico numérico referencial não-específico. Como aparece na **tabela 5**:

Grupos	1	2	3	4
<b>Elementos Estudados</b>	Centenas Milhares Dois Três Dúzias Todos	Alguns Vários Poucos Muitos	Bando Quadrilha Corja Horda Leva	Rebanho Arquipélago Frota Cardume Manada
<b>Potencialidades Semânticas Específicas</b>	<+H> caso haja um SV semanticamente marcado como <H>	<+H>	<+Pej>	<+NNE>

**tabela 5:** proposta de descrição semântica dos quantificadores

- se se aceitar a adequação dos critérios propostos para os demais itens nominais, pode-se pensar em se criar categorias de itens nominais específicas para os quantificadores. Para tal, é necessário o exame mais detalhado das condições morfosintáticas determinadoras de efeito referencial junto aos quantificadores. Esta é tarefa para novas investigações.

## **5.conclusão**

*A filosofia é como o manto de Penélope,  
que de dia se tece e à noite se desfaz,  
de modo que a obra filosófica pode considera-se  
uma tarefa infinita. Como os cuidados  
da vida recomeçam a cada dia,  
a prosa do mundo tem de ser  
escrita de acordo com a necessidade.*

JOSÉ HENRIQUE DOS SANTOS

Três são os resultados desta pesquisa: (1) uma nova proposta de taxonomia para os itens lexicais nominais, (2) a descrição da relação inversa entre a noção estrita de quantificação e a carga semântica própria nos quantificadores. Sobre elas, traço alguns comentários conclusivos. O terceiro resultado da pesquisa, que segue em anexo, é (3) a elaboração de exercícios de gramática para séries do ensino fundamental.

Inicialmente, ratifico a extrema complexidade da definição de referência. Do ponto de vista da filosofia analítica e da descrição linguística, permanecem pontos opacos a serem tratados em estudos futuros. Creio, mesmo assim, que esta dissertação permite que se descrevam algumas determinações mórficas para a interpretação da referência em um SN. Os determinantes, o gênero e o número foram os traços considerados. Em suma, a partir da potencialidade semântica do item lexical nominal, devem-se considerar os aspectos morfossintáticos do sintagma como elementos que regem a interpretação referencial de seu núcleo.

Considerando tais aspectos, propus uma taxonomia que engloba os traços formais da palavra, sua potencialidade semântica relativamente pormenorizada; a saber <G>, <H> e <Qa>, as flexões nominais de número e gênero, e, finalmente, as variações do Det no SN.

As categorias propostas, a princípio, dão conta de todos os itens lexicais nominais do português. Não apenas se dispõe de uma gama de classes mais ampla, como também, se faz possível uma classificação mais descritiva dos fatos da língua. Resta a ser feita uma ampliação efetiva do corpus de pesquisa. Esse é um tema para pesquisas futuras.

Acrescento mais um tema para desenvolvimento posterior.

Creio que se faz pertinente a interrogação sobre a ampliação da gama de potencialidades semânticas específicas aos itens nominais. *Verde*, por exemplo, seria dotado apenas de <G> se não houvesse, no decorrer da história, o surgimento de um partido político chamado Verde. O nome do partido “migrou”, passou a designar também os membros da entidade política. No limite, pode-se dizer que se fosse escolhida uma outra “cor” para designar o partido, essa aceitaria a interpretação referencial <H> como aceita *verde*. Por esse raciocínio, tem-se uma progressiva ampliação da potencialidade semântica de alguns itens. Intuitivamente, diria que deve haver, em movimento contrário, a perda de potencialidades semânticas de outros. Pelo que me consta, caiu em desuso a designação de trens com o uso da expressão *rápido*, usada em tal função há algum tempo.

Da mesma forma, ocorre atribuição de valor referencial a palavras que não dispunham dessa possibilidade interpretativa. *Baixinho*, item lexical de potência <+H, +Q>, não era interpretado em função <H>, especificamente referindo-se a crianças, antes de seu uso na televisão.

A análise filológica de ocorrências como essas poderá auxiliar na descrição dos efeitos de referência e qualificação dentro do SN. Possivelmente, a nova função semântica atribuída a cada um deles surge em uma configuração morfossintática específica, sujeita, possivelmente, a ampliação. Esses comentários, ratifico, se encontram em uma escala puramente intuitiva.

Quanto aos quantificadores, chamo a atenção para a sua inclusão dentro da categoria item nominal. Apenas esses foram analisados. Os advérbios e verbos que possuem alguma semântica de quantificação não se enquadram nos parâmetros desta pesquisa. Tem-se, assim, a eleição dos fatores mórficos como aspecto primeiro na separação das palavras em grandes classes. A pormenorização e a explicação de seu funcionamento vêm após o estabelecimento das grandes categorias. A escolha do fator mórfico se dá em função da possibilidade de observação e testagem mais imediatas.

Não houve, no entanto, o abandono da sua análise semântica. Pelo contrário. Uma vez locados no grupo nominal, a eles foram propostas descrições funcionais que acarretaram na especificação de seu funcionamento semântico, descritos de acordo com os critérios <NPQ> e <CSP>.

Finalmente, registro a importância do terceiro resultado desta pesquisa. Segue em anexo um manual de gramática para o ensino fundamental. A descrição de sua elaboração introduz o anexo. Destaco que muito me estimula a idéia de haver um maior empenho na reformulação do ensino da gramática para o ensino médio e fundamental. É conhecido por muitos como se dispõem apenas de manuais mal formulados e repletos de erros e incongruências teóricas. Os movimentos de modernização do ensino gramatical se dedicam quase que exclusivamente à elaboração de novas metodologias e práticas didáticas. Pouco se faz, creio, em prol da adaptação escolar para as novas formulações conceituais. Deve-se, assim, considerar em um projetos de novos modelos de ensino do português, não apenas as evoluções nos aspectos didáticos e textuais, mas também nos aspectos conceituais a serem tratados em sala de aula.

## **6. referências bibliográficas**

*Não se pode embarcar de novo na vida,  
nessa viagem única, uma vez terminada,  
Mas se tiver um livro nas mãos,  
por mais complexo ou difícil de compreender que seja,  
quando o terminar, pode, se quiser,  
voltar ao princípio, lê-lo novamente e  
assim compreender aquilo que achou difícil e,  
ao mesmo tempo, compreender também a vida.*

ORHAN PAMUK

## 6.1. livros e artigos citados

- BORGES-NETO, José (1991). **Adjetivos: predicativos extensionais e predicativos intensionais**. Campinas: Editora da UNICAMP.
- BORGES-NETO, José (1993). *Algumas observações sobre os nomes próprios?* In: BOLETIM DA ABRALIN. São Paulo: ABRALIN, pp. 283-291
- CUNHA, Celso (1970) **Gramática Moderna**. Belo Horizonte: Bernardo Alves.
- DAMÁSIO, António. (1996) **O Erro de Descartes – emoção, razão e cérebro humano**. São Paulo: Cia. das Letras. [tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado]
- FERNANDES, Francisco (1957) **Dicionário de Regimes e Regências de Substantivos e Adjetivos**. Porto Alegre: Editora Globo, 7ª edição.
- FREGE, Gottlob. (1985 [1892]) “*On Sense and Reference*” In: GEACH e BLACK (Eds.) **Translations from the Philosophical Writings of Gottlob Frege**. Oxford: Blackwell.
- FULGÊNCIO, Lúcia (1983) **O problema da interpretação dos elementos anafóricos**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: FALE - UFMG.
- GIVÓN, T. (1984) **Functionalism and grammar**. Amsterdã: J. Benjamins Publishing Company.
- HJELMSLEV, Louis (1966). **Le Langage**. Paris: Folio-Essais.
- KLEIBER, Georges (1994) **Nominales – essais de sémantique référentielle**. Paris: Armand Colin.
- LANGACKER, David. (1983[1995]). **Foundations of Cognitive Grammar**. Stanford: Stanford University Press.
- LAURIER, Daniel. (1993) **Introduction à la Philosophie du Langage**. Paris: Mardaga.
- LIBERATO, Yara Goulart (1997) **A Estrutura do SN em Português: uma abordagem cognitiva**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FALE – UFMG.
- LOBATO, Lúcia M. Pinheiro (1993). *Adjetivos: tipologia e interpretação semântica* In: BOLETIM DA ABRALIN. São Paulo: ABRALIN, pp. 09-26.
- MACEDO, Alzira V.T (1998) *Funcionalismo*. In: VEREDAS - Revista de Estudos Linguísticos. Juiz de Fora: Editora UFJF, pp.71-88.
- MARI, Hugo (1979) **A noção de quantidade na língua portuguesa: estudo das possibilidades de representação formal de alguns de seus aspectos**. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: FALE-UFMG.
- McCAWLEY, James D. (1993) **Everything that Linguistics Have Always Wanted to Know about Logic but Were Ashamed to Ask**. Chicago/Londres: The University of Chicago Press.
- MÜLLER, Ana Lúcia (1993) *A que se referem e correferem os SNs?* In: BOLETIM DA ABRALIN. São Paulo: ABRALIN, pp.273-282.
- PASQUALE & ULISSES. (1997). **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione.

- PERINI, Mário A *et alii* (1996) *Revista de Estudos da Linguagem*, nº especial. Belo Horizonte: FALE-UFMG.
- PERINI, Mário A. *et alii* (1998) *Sobre a Classificação das Palavras*. In: D.E.L.T.A. vol. 14, nº especial. São Paulo: PUCSP.
- PERINI, Mário A. (s/d) *Gramatical Gender and the NP head*. [inédito]
- PERINI-SANTOS, Pedro (1999). *A irresponsabilidade teórica e didática dos livros didáticos* In: REVISTA CIÊNCIA HOJE nº 147, vol. 25. São Paulo: SBPC, pp.55-59
- ROCHA-LIMA. (1973) **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: livraria José Olympio, 16ª edição.
- TAYLOR, John (1995) **Linguistic Categorization**. Oxford: Clarendon Press, 2ª edição.
- VOTRE, Sebastião J. (1996) *Um paradigma para a linguística funcional*. In: **Gramaticalização no Português do Brasil - uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, pp. 27-44..
- ZILHÃO, António. (1993) **Linguagem da Filosofia e Filosofia da Linguagem – estudos sobre Wittgenstein**. Lisboa: Colibri.

## 6.2. outros livros e artigos consultadas

- ARIEL, Mira (1996). *Referring Expressions and the +/- Coreference Distinction*, In: FRETHEINM & GUNDEL (ed.) **Reference & Referent Accessibility**. Amsterdã: J. Benjamins Publishig Company, pp.13-36.
- CARDOSO, Sílvia H. (1997) *Benveniste: enunciação e referência*. In: REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, n. 5, vol.1 Belo Horizonte: UFMG-FALE: pp.65-86.
- FONSECA, Joaquim (1993) **Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português**. Porto: Porto Editora.
- FRAURUD, Kari. (1997) *Cognitive Ontology and NP Form*. In: FRETHEINM & GUNDEL (ed.) **Reference & Referent Accessibility**. Amsterdã: 1996, pp.65-88.
- MULKERN, Ann E (1997). *The Game of the Name*. In: FRETHEINM & GUNDEL (ed.) **Reference & Referent Accessibility**. Amsterdã: J. Benjamins Publishig Company, pp.235-250.
- NÉF, Frédéric. (1991) **Logique, langage et réalité**. Paris: Editions Universitaires.
- NÉF, Frédéric. (1995) **A Linguagem – uma abordagem filosófica**. São Paulo: Jorge Zahar Editor.
- PERINI, Mário A. (1995) **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática.
- PERINI, Mário A. (1997) **Sofrendo a Gramática**. São Paulo: Ática.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1972 [1916]). **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Payot.

**7. anexo:**  
material didático para o ensino de gramática

*Je comprends très vite,  
Si on m'explique très lentement.*

HENRI DE MONTERLAND

No início dos meus trabalhos no mestrado, estava sem bolsa e acabara de começar a lecionar português para uma turma da 4ª série do Ensino Fundamental na Escola Albert Einstein, em Belo Horizonte. Como é de costume, as escolas recebem vários livros candidatos a serem adotados em suas turmas. Recebi umas duas dezenas deles, li-os todos. É um desastre! Erros e confusões que só podem resultar em insatisfação por parte dos alunos e dos professores. Currículo extenso e mal distribuído, exemplos ruins e, sobretudo, conceitos mal arrumados.

Dado que estava em sala de aula com matéria para dar, particularmente **as classes lexicais**, passei a produzir o material. Com a ajuda dos alunos e suas perguntas, fui testando formas de passar o que me parecia factível de ser ensinado via testagens linguísticas. No lugar de se propor análise que determina o reconhecimento das classes lexicais a partir de definições confusas<sup>27</sup>, adaptei, com a permissão do autor, conceitos de Perini à linguagem dos alunos que têm em torno de 10 anos de idade.

Creio que se obteve algum sucesso. Com pouco tempo de prática, o reconhecimento das classes lexicais se fez natural. Em silêncio ou em duplas, os alunos adquiriram o automatismo dos testes propostos e passaram, eles mesmos, a observar situações contraditórias e interessantes das regras do português.

**Caixinhas de Palavras** é livrinho de exercícios desenvolvidos em sala que aqui apresento. Mantive, por razões estruturais, a nomenclatura oficial, como será notado, mas os conceitos são bastante diferentes dos livros tradicionais. Mantive igualmente a forma originalmente utilizada, mesmo que tenha reconhecido, na fase final desta dissertação, alguns erros e incoerências.

Apresentar este material didático junto à defesa de dissertação tem dois motivos: Primeiro porque o que proponho como prática didática é fruto direto da pesquisa conceitual à qual estava ligado. Durante as aulas me vieram insights e questões a serem examinados na pesquisa. Segundo porque me parece ser um bom resultado da pesquisa em linguística a produção de textos didáticos para as séries do Ensino Médio e Fundamental.

Longe de crer na mudança do ensino de português em curto ou médio prazos, me parece importante que o corpo de pesquisadores em linguística se dedique, pelo menos em parte, à tarefa do ensino e da produção de textos didáticos sobre os temas tradicionais do currículo básico de ensino de português.

---

**Pedro Perini-Santos**  
**Caixinhas de Palavras**

Registro na Biblioteca Nacional  
n° 151.181/livro247/folha 265

---

**0. Sumário**

- introdução
- o que são as caixinhas de palavras?
- como usar as caixinhas de palavras?
- dos exercícios: testes de palavras
- livro do aluno (comentado)

Caro(a) professor(a),

Escrevi esta introdução para explicar como usar **Caixinhas de Palavras**. Espero ter conseguido ser bastante claro. Como toda introdução, conto um pouco da história do livro, do sentido de sua criação e o que o livro pretende.

O meu trabalho de professor e pesquisador em linguística me estimulou a produzir este método de aula. Em cursos que dei, mais teóricos do que práticos, fui questionado sobre a inexistência de material didático para as séries iniciais, baseado em conceitos modernos e mais fiéis à realidade.

Bom, aqui está: pensado, escrito, testado, aprovado e sujeito a críticas e mudanças. Deixo o meu endereço para correspondência. Receberei propostas e críticas com a satisfação

Um abraço,

Pedro Perini-Santos

**1. Introdução**

A idéia das Caixinhas de Palavras surgiu com a pesquisa em linguística desenvolvida na Faculdade de Letras da UFMG e com a prática docente para alunos da 4ª série na Escola Albert Einstein em Belo Horizonte. A vontade de estabelecer procedimentos de experimentação em gramática levou-me a adaptar (na falta de melhor termo) práticas já desenvolvidas pela pesquisa linguística para as séries iniciais do ginásio e da 4ª série. A partir de pesquisas bibliográficas, notadamente a obra de Mário Alberto Perini, e da vivência em sala de aula, desenvolvi este material para-didático temático de aplicação para alunos da 4ª à 8ª séries.

**2. O que são as Caixinhas de Palavras?**

Trata-se de um conjunto de cubos de papelão, onde se escrevem os nomes das classes lexicais. Os cubos confeccionados com cartolina colorida em tamanhos diferentes: grande, para o uso demonstrativo do professor, e pequeno, para o uso, em grupo ou individual, pelos alunos.

Este material acompanha o livro texto com explicações e exercícios. A pedido, pode ser conseguido na editora um kit de caixinhas em braille. Assim como as feitas com as palavras escritas, as caixinhas em braille foram testadas com crianças e adultos. Resultados ótimos!

---

<sup>27</sup> Sobre esse tema, vale conferir Perini-Santos (1999)

### 3. Como Usar as Caixinhas de Palavras?

A idéia central é a experimentação em sala de aula em torno de exame comparativo entre as classes lexicais seguindo na seguinte ordem:

- \* adjetivo[advérbio;
- \* advérbio com o final [-mente];
- \* adjetivo[substantivo;
- \* verbo[outras classes;
- \* classes fechadas.

Os estudos linguísticos são de fácil experimentação, dado que não é necessário ter laboratórios ou equipamentos sofisticados. Basta que se tenham disposição e mecanismos, compreende-se: metodologias, para efetuar e estimular experiências com os alunos.

As caixinhas são instrumentos para se fazer essas experiências. Vamos pegar duas classes lexicais como exemplo, artigo e advérbio, para explicar o método. Consideremos a frase inicial abaixo:

(1) O elefante amarelo chegou ontem.  
1 2 3 4 5

São 5 os elementos que a compõem. Deslocando-os, podemos mudar a disposição da frase e julgar a aceitabilidade de cada das nova configuração formada. Esse deslocamento se faz da seguinte forma: concomitantemente ao movimento das caixinhas "movimentam-se" tiras de papel com elementos da frase-exemplo escritos em papel ou se usa o quadro negro. Vamos deslocar o artigo [o] para as posições possíveis que pode assumir. Chegamos às seguintes formulações:

- (1) O elefante amarelo chegou ontem.
- (2) \* Elefante o amarelo chegou ontem.
- (3) \* Elefante amarelo o chegou ontem.
- (4) \* Elefante amarelo chegou o ontem
- (5) \* Elefante amarelo chegou ontem o.

Apenas a frase inicial é aceitável (quando a frase não é aceita vem marcada com um (\*)).

O que se pode concluir? O primeiro elemento dessa frase, [o], deve aparecer sempre no início. Melhor dizendo, percebe-se que vem sempre à esquerda do substantivo. Mesmo que os alunos não saibam ainda o que sejam as categorias lexicais. Mas, notam, através do teste, que a aceitabilidade da frase só se dá quando o artigo vem antes do substantivo. Vamos, agora, submeter ao teste da aceitabilidade outro elemento da sentença, o advérbio [ontem]. Via deslocamentos das caixinhas, "acompanhados" pelo deslocamento do termo em papel ou no quadro negro, construímos:

- (1) O elefante amarelo chegou **ontem**.
- (2) **Ontem** o elefante amarelo chegou
- (3) \* O **ontem** elefante amarelo chegou.
- (4) ?? O elefante **ontem** amarelo chegou.
- (5) O elefante amarelo **ontem** chegou.

Percebe-se que o funcionamento do primeiro elemento da frase testado é diferente do segundo. No primeiro caso, apenas uma posição se mostrou aceitável. No segundo, percebemos que (1), (2) e (5) são facilmente aceitáveis e mantêm o mesmo significado. A frase nº 9 traz dúvidas em sua aceitabilidade. E quando o é, nitidamente, possui um

significado diferente das outras. Pode-se chegar, através desses dois testes, a conclusões gramaticais, provisórias, mas muito necessárias:

1. O artigo sempre tem de aparecer antes do substantivo;
2. O advérbio pode mudar de lugar na frase, mas não pode, como se sabe pela primeira regra, separar o artigo do substantivo;

Essas conclusões provisórias, dentre muitas outras, foram desenvolvidas a partir da metodologia das caixinhas de palavras. São resultado de ótima prática de raciocínio e abstração realizada pelos alunos com o professor.

O uso das caixinhas de palavras é a etapa inicial. Criam-se, a bem da verdade, muitas dúvidas novas: *por que um tipo de palavra pode aparecer antes e outro tipo não?* ou ainda *o que há de especial com este tipo de palavra? Por que aquela frase a gente aceita e aquela outra não?* Isso é ótimo e necessário.

### **3. Dos exercícios: os testes de palavras**

Passada a etapa inicial de avaliação da existência de classes de palavras, passa-se a elaboração de testes de palavras. A seguir, uma série de atividades de testagem que foram elaboradas e desenvolvidas em sala de aula. Os testes propõem atividades que comparam traços característicos a cada classe lexical estudada.

O uso das caixinhas pode continuar durante essa nova. Fica a critério do professor e da necessidade da sala. Dada a experiência, recomendaria o uso das caixinhas juntamente aos testes, mesmo que os alunos se digam conscientes do processo.

Os resultados de se manter o uso das caixinhas, mesmo nas etapas dos exercícios, foram muito interessantes e avaliados pelas *pesquisas de final de folha*.

Outra orientação interessante a ser seguida é se ter um caderno (de pequeno porte) ou uma parte do caderno de Português só para os registros das observações e comentários.

---

## livro do professor

Registro na Biblioteca Nacional  
n° 151.181/livro247/folha 265

---

Como assim? Fazer experiência com gramática? O professor deve estar ficando doido! Eu nunca ouvi falar em pesquisa em gramática... Em todo caso, vamos ver onde a gente vai chegar... Diz ele que é interessante.

### Introdução

Experiência em Gramática, sim, dá para se fazer e aprender muito. Este livro, como você vai ver, faz experiências com Gramática. E o que é isso? aprender muito. Este livro, como você vai ver, faz experiências com Gramática.

E o que é isso?

Vamos fazer testes para confirmar - ou desmentir - as nossas idéias sobre a língua portuguesa. Igual funciona na aula de ciências, quando a gente plantou um feijão e acompanhou o jeito dele brotar e crescer; ou quando a gente colocou a água para esquentar e pode medir, com um termômetro, a temperatura de quando entrou em ebulição. Vamos fazer experiências e testes com as palavras.

Amigos, mãos à obra! Cabeças pensando e perguntas rolando! Nosso assunto é o seguinte questão **as palavras funcionam da mesma forma?**

### experimentação com as caixinhas e os exemplos

Selecione dois exemplos de frases: (a) O elefante **amarelo** chegou ontem e (2) Aluno esperto **nunca** chegam atrasado. Monte os dois exemplos em folha de papel, uma palavra em um pedaço independente, ou use o quadro negro. 1ª experimentação: o deslocamento do termo em negrito (caixinhas e exemplo). 2ª experimentação: colocar as frases no plural.

Com a primeira, vai se constatar que as duas palavras possuem um funcionamento diferente: [amarelo[ não pode ocupar os espaços que ocupa [nunca[. Com a segunda que umas palavras têm plural e outras não. Vale, para criar a idéia de classe lexical, colocar outros advérbios e adjetivos no lugar dos citados acima. Submeta as novas sentenças ao teste. Use as caixinhas.

### 1. advérbio ou adjetivo?

Leia as frases abaixo e compare (1)/(2) e (3)/(4). Veja que a palavra [rápido] funciona de forma diferente nos dois pares de exemplos:

- (1) O meu cachorro é **rápido**.
- (2) Os meus cachorros são **rápidos**.
- (3) O meu tio anda **rápido**.
- (4) Os meus tios andam **rápidos**.

- a. O que há de diferente nos pares de exemplos?
- b. Use as caixinhas e reescreva os exemplos colocando a palavra em **negrito** no início da frase. Assinale as frases que foram aceitas e as que não foram aceitas.

Vamos aplicar testes para responder à pergunta da experiência: como saber se a palavra é adjetivo ou advérbio?

ω **Teste n° 1:** Vamos chamá-lo **teste do plural[singular**

(1) Meu tio caminha **rápido**.

Essa frase será colocada no plural

→ Meus tios caminham **rápido**.

Como a palavra [rápido] não teve variação de plural/singular, podemos dizer que é advérbio.

(2) Meu tio é **rápido**.

Essa frase será colocada no plural

→ Meus tios são **rápidos**.

Como a palavra [rápido] sofreu variação de plural/singular, podemos dizer que é adjetivo.

ω **Teste nº 2:** Vamos chamá-lo **teste do gênero**

(3) Meu tio caminha **rápido**.

Essa frase será modificada no seu gênero

→ Minha tia caminha **rápido**.

Como a palavra [rápido] não sofreu variação de gênero, podemos dizer que é advérbio

(4) Meu tio é **rápido**.

Essa frase será modifica em gênero

→ Minha tia é **rápida**.

Como a palavra [rápido] sofreu variação de gênero, podemos dizer que é adjetivo

## exercícios

1. Aplique o teste indicado entre parênteses nas frases abaixo. Conclua se a palavra sublinhada é um advérbio ou um adjetivo.

- a) A carta chegou logo. (teste 1)
- b) A carta chegou logo. (teste 2)
- c) A aluna estuda bem. (tese 1)
- d) A aluna estuda bem. (teste 2)
- e) Astolfo é um bom aluno. (teste 1)
- f) Astolfo é um bom aluno (teste 2)
- g) Baleia azul é uma espécie rara. (teste 1)
- h) Baleia azul é uma espécie rara. (teste 2)
- i) Lutadores de boxe comem muito. (teste 1)

j) Lutadores de boxe comem muito. (teste 2)

2. Abaixo temos um pequeno texto. Cinco palavras foram sublinhadas. Aplique um dos testes de reconhecimento de advérbios ou adjetivos, e diga o que são:

Francelino estudava em uma escola (1)muito tradicional e (2)rígida. Os alunos deviam se levantar assim que o professor entrasse na sala de aula, por exemplo. O professor vinha (3)sempre de terno e gravata. Francelino estudou oito anos nessa escola. Hoje, passados mais de trinta anos, ele está em dúvida: será que seu filho, Francelino Jr., se sentirá (4)feliz na escola tradicional? Pense (5)rápido: o que você acha?

→ Dê aqui a sua opinião sobre a dúvida do Francelino pai:

---

---

---

Atividade sobre a escola e a escola dos pais pode ser estimulada por este exercício. O autor deixa claro que o livro não se posiciona contrário ou favorável a algum tipo de escola.

**Pesquisa de final de página**

Marque com **X**. Na sua opinião, este trabalho foi:

- muito chato     chato     legal     muito legal  
 muito simples     simples     complicado     muito complicado

Até agora, o que podemos dizer sobre os adjetivos e advérbios? Complete o quadro abaixo. Use as suas palavras:

	gênero?	plural[singular?]
adjetivos		
advérbios		

ADVÉRBIOS COM O TRAÇO [-mente]

- **Leia o texto abaixo**

**O Homem Nu**

de Fernando Sabino (1978)

(In: **PARA GOSTAR DE LER**, Vol 2., São Paulo: Ática, 1978)

Ao acordar, disse para a mulher:

- Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou sem nenhum.

- Explique isso ao homem - ponderou a mulher.

- Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações.

Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar - amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estava completamente nu, olhou com cautela para um lado e para o outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mas seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campanha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

- Maria! Abre aí, Maria. Sou eu - chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o porteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço de escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

- Maria, por favor. Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor; fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um *ballet* grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão. Mais eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

- Ah, isso é que não! - fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror.

- Isso é que não - repetiu furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: "Emergência: parar". Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

- Maria! Abre esta porta! - gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

- Bom dia, minha senhora - disse ele, confuso. Imagine que eu...
- A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:
- Valha-me Deus! O padeiro esta nu!
- E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:
- Tem um homem pelado aqui na porta!
- Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:
- É um tarado!
- Olha, que horror!
- Não olha não! Já pra dentro, milha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Pouco minutos depois, reestabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

- Deve ser a polícia - disse ele, ainda ofegante, indo abrir.
- Não era: era .....

**2. Numere e responda as perguntas abaixo**

- a) Por que não quiseram receber o cobrador?
- b) Por que o personagem ficou nu do lado de fora?
- c) Por que ele estava aflito?
- d) Como termina a história na sua opinião? Complete no texto.
- e) Localize no texto palavras ou expressões que tenham um significado próximo para:

- nu: \_\_\_\_\_
- aterrorizado: \_\_\_\_\_
- ruído: \_\_\_\_\_
- o sujeito da televisão: \_\_\_\_\_
- esmurrando a porta: \_\_\_\_\_

- f) gostou do texto? Por quê?
- g) *you* já passou por alguma situação embaraçosa como esta?
- h) *Imagine um novo final para a história.*

**3. Leia as seguintes frases do texto:**

- Como estava completamente nu, olhou com cautela para um lado e para o outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito.
- Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o porteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

O que há de semelhante entre elas? Você encontra outras palavras com o mesmo jeito no texto? Liste-as abaixo.

- \_\_\_\_\_ (a)
- \_\_\_\_\_ (b)
- \_\_\_\_\_ (c)
- \_\_\_\_\_ (d)
- \_\_\_\_\_ (e)
- \_\_\_\_\_ (f)

4. Observe as três frases abaixo e aplique os testes nº1 e nº 2. Observe se eles funcionam bem:

- (1) O homem entrou em casa silenciosamente.
- (2) O homem entrou em casa lentamente.
- (3) O homem entrou em casa rapidamente.
- (4) O homem entrou em casa loucamente.

- a) Aplique os mesmos testes e avalie se as palavras que você listou são advérbios ou não.
- b) E aí? As três palavras grifadas são advérbios?
- c) Por quê?

4. Releia a lista que você fez com os advérbios que tem [-mente] no final. Liste-os novamente, na tabela montada abaixo colocando o pedaço da palavra que não é [-mente] em uma coluna separada. Veja o exemplo:

advérbio	=	(1)		(2)
a) completamente	=	completa	+	mente
b)	=		+	
c)	=		+	
d)	=		+	
e)	=		+	
f)	=		+	

Ótimo. Aplique os testes nº 1 e 2 nas palavras da coluna (1). Responda no caderno:

- o que você observa?
- a qual classe pertencem? Por quê?

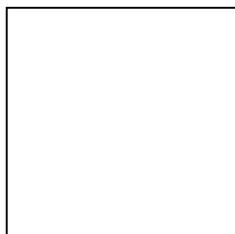
**Pesquisa de final de página**

Marque com **X**. Na sua opinião, este trabalho foi:

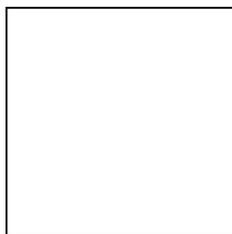
- |   |                                     |                                     |   |
|---|-------------------------------------|-------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> muito repetitivo | <input type="checkbox"/> repetitivo | <input type="checkbox"/> inovador   | <input type="checkbox"/> muito inovador   |
| <input type="checkbox"/> muito simples    | <input type="checkbox"/> simples    | <input type="checkbox"/> complicado | <input type="checkbox"/> muito complicado |

**4. substantivo ou adjetivo?**

Desenhe uma borboleta no quadro nº 1 e uma rosa no quadro nº 2.



1



2

Leia as frases abaixo e tente transferir para o desenho a característica expressa nas frases abaixo:

1. A borboleta rosa voa.
2. A rosa está no jardim.

Responda no caderno:

- Qual é a característica transferida em cada uma das frases?
- Para as duas frases foi possível se transferir a característica?
- O que acontece com a palavra [rosa] nas frases acima? Ela tem sempre a mesma função?

Vamos voltar os nossos desenhos: temos no quadro nº 1 uma borboleta rosa e no quadro nº 2 uma rosa. Vimos que a palavra [rosa] possui funções diferentes nos dois casos: no primeiro, [rosa] é característica e no segundo, [rosa] é a coisa caracterizada. Podemos fazer uma observação inicial:

Vale frisar o caráter "inicial" da proposta. Ela será submetida a prova na próxima etapa.

- substantivo é uma coisa
- adjetivo é uma característica

Mais a frente vamos aplicar um novo teste para saber como diferenciar se a palavra é característica ou não.

#### 4. substantivo ou adjetivo?

##### experimentação com as caixinhas e os exemplos

Selecione dois exemplos de frases com substantivos, adjetivo, advérbio, artigo e verbo. Vale refazer os testes já conhecidos acompanhados dos exemplos junto às caixinhas. Uma vez "provado" se a palavra é adjetivo ou advérbio, desloque-os e submeta à avaliação da aceitabilidade ou não das novas frases formadas.

Até agora o que sabemos, sem poder provar muito bem, que:

- substantivo é uma coisa
- adjetivo é uma característica.

Será que essas definições são claras? Vamos ver:

- 1) A **adolescência** é uma etapa da vida.
- 2) Astolfo é um **mero** jogador de futebol, mas se sente o próprio Pelé.

Acho bastante difícil a gente dizer que [mero] é uma característica facilmente percebida como tal. Mais difícil ainda é dizer que [adolescência], [amor], [natação], [amizade] ou mesmo [céu], [Natureza]... sejam coisas.

O melhor que temos a fazer são testes. Vamos a eles. Com os testes, nossa intuição continuará funcionando, mas a gente pode se sentir mais seguro ao afirmar as coisas.

ω **Teste nº 3:** Vamos chamá-lo **teste do necessário**.

(1) O amor paternal é belo e importante na criação.

Retire o termo em sublinhado da frase acima

→ O paternal é belo e importante na criação.

Como a frase ficou estranha, podemos concluir que o termo retirado era necessário, assim substantivo.

(1) O amor paternal é belo e importante na criação.

Retire termo em sublinhado dessa frase acima

→ O amor é belo e importante na criação.

Como a frase não ficou estranha, podemos concluir que o termo retirado não era necessário, assim adjetivo.

Antes se aplicar um novo teste, aplique teste nº3 às frases abaixo e observe o que acontece:

(2) O telefone celular do Astolfo foi roubado.

(3) O telefone celular do Astolfo foi roubado.

Retire os termos sublinhados das frases acima

(2) → O telefone do Astolfo foi roubado

(3) → O celular do Astolfo foi roubado

Percebemos que duas novas frases formadas são aceitáveis. Como compreender isso? Como saber qual termo é substantivo e qual é adjetivo?

ω **Teste nº 4:** Vamos chamá-lo **teste da mudança de classe.**

Vamos pensar o seguinte: as frases (2) e (3) mantém seu sentido. Mas há uma diferença. Se a frase tem que ter um termo necessário, como vimos no teste anterior, a saída do termo necessário faz com que um outro tome o seu lugar.

Na frase (3), o termo necessário era [telefone]. Com a sua saída, [celular] passa a ser o termo necessário, portanto, o substantivo da frase. Assim, podemos perceber que mudanças nas frases podem provocar mudanças de classe de palavras. Vamos observar as frases abaixo e, novamente, dizer se o termo em **negrito** é adjetivo ou substantivo. Aplique o teste do necessário

- 1) O meu telefone **celular** quebrou.
- 2) O meu **celular** quebrou.
- 3) O amor **paternal** é importante na criação.
- 4) O amor **maternal** também o é.
- 5) Fui levar o filho do Astolfo à escola **maternal**.
- 6) Menina, pagar o **maternal** está ficando uma fortuna!
- 7) Detesto **velhos** palhaços.
- 8) Detesto **palhaços** velhos.

Preencha o quadro abaixo:

necessário?	Muda de classe?	Varia em plural/sing.	Varia em gênero?
-------------	-----------------	-----------------------	------------------

Adj.				
Subs.				

- Com suas palavras, o que diferencia o adjetivo do substantivo?

---

---

No texto, os termos em **negrito** são substantivos, adjetivos ou advérbios? Aplique os testes necessários.

---

Astolfo é um atleta. Sempre que caminha, caminha **rápido**. Seu irmão, Douglas, pelo contrário, é **lerdo**. Sai de casa cedo, se esforça para andar **rápido**, mas sempre chega **atrasado**. Douglas já é conhecido como o **lerdo**.

- Ah lá... lá vem o **lerdo** - dizem alguns amigos mais ou menos chatos.

Semana passada, os dois foram convidados para a festa de aniversário do Hércules, um amigo deles. O **rápido** chegou, como de costume, **rápido** com seu andar **rápido**. O **lerdo** manteve a tradição e chegou **lerdo** justificando o seu apelido o irmão **lerdo**.

---

- O que diferencia um adjetivo de um substantivo?
- Sempre pode ocorrer mudança de classe?

---

---

---